



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES-CFP  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**VANUSA SOUSA DOS SANTOS BARRETO**

**SÓ QUEM É CAPOEIRA SABE... UM OLHAR SOBRE CAPOEIRA,  
EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS E IDENTIDADE NEGRA  
EM MUTUÍPE-BA.**

**AMARGOSA – BA**

**2019**

VANUSA SOUSA DOS SANTOS BARRETO

**SÓ QUEM É CAPOEIRA SABE... UM OLHAR SOBRE CAPOEIRA,  
EDUCAÇÃO EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS E IDENTIDADE NEGRA  
EM MUTUÍPE-BA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof.º Carlos Adriano da Silva Oliveira.

AMARGOSA – BA

2019

Ficha Catalográfica:

A large, empty rectangular box with a thin black border, positioned below the text 'Ficha Catalográfica:'. This box is intended for the user to enter or print a catalog card.

*“Dedico este trabalho primeiramente a Deus por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. Aos meu Pais, Carlos e Vandeci, meu amado esposo Marcos e aos meus irmãos e cunhadas.”*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu a vida e me acompanha em todos os meus caminhos. Por ter me concedido saúde e serenidade para não desistir dos meus sonhos, presente em minha vida, sempre a iluminar meus passos.

Aos meus pais, Carlos e Vandeci, que sempre me apoiaram em todas as minhas escolhas, fazendo a vida ser mais alegre com o amor e carinho que sempre dedicaram a mim.

A toda minha família, de forma especial aos meus irmãos Sandro e Júnior, pelo suporte e pelos momentos de descontração em meio aos estudos.

Ao meu companheiro, que acompanhou toda minha trajetória sempre me apoiando, compreendendo a falta de tempo, pelo apoio e pela ajuda na transcrição das entrevistas.

Aos colegas da turma, pela parceria e por ter compartilhado momentos importantes deste percurso. Em especial aos colegas, sempre juntos nos trabalhos, nos eventos, nas caronas, nos momentos tristes e alegres.

Aos mestres Peteleos, que foram entrevistados e que muito contribuiu para o desenvolvimento das discussões apresentadas neste trabalho.

A minha professora de capoeira Val, pelas inúmeras conversas e orientações durante esse processo e pela compreensão com a falta de tempo com os treinos.

Aos capoeiras, companheiros de treino e roda por me proporcionarem diariamente a vivência da capoeira e a todo grupo axé Bahia de Mutuípe pela amizade e companheirismo.

Aos colegas, que por tantas vezes me deram palavras de apoio, carinho e conforto e não me deixaram desistir, meu muito obrigado a todos

Aos professores, pelo carinho, atenção e dedicação em sala de aula. Bem como toda equipe da UFRB em especial aos coordenadores do curso de pedagogia.

Ao meu orientador, Carlos Adriano, sempre paciente, exemplo de profissionalismo e competência. Obrigada por ter acreditado em meu potencial e colaborado para que esse trabalho fosse concluído com êxito.

Banca Examinadora, por aceitar o convite e contribuir com minha formação acadêmica.

SOUSA, Vanusa dos Santos. **Só quem é Capoeira sabe... Um olhar sobre Capoeira, Educação em espaços não formais e Identidade Negra em Mutuípe-BA.** Trabalho Monográfico – Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Amargosa, 2018.

## **RESUMO**

Este trabalho é fruto da pesquisa realizada como requisito parcial de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, e tem como título: “Só Quem é Capoeira Sabe... Um Olhar Sobre Capoeira, Educação em Espaços Não Formais e Identidade Negra em Mutuípe-BA”. O objetivo do estudo é compreender como o trabalho desenvolvido pela Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe (ACABM) implica para reconhecimento da identidade negra e afirmação de seus integrantes. Para tanto, partimos de uma abordagem qualitativa mediada por estudo de caso, em que utilizamos observação, questionários e entrevistas semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa foram o mestre, contramestre, e dois professores formados da Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe. Esse estudo considera a dimensão de que esses são sujeitos que possuem vivências e experiências carregadas de valores, culturas e saberes, que serão subsidio na construção e de reconstrução de práticas e projetos para a identidade negra. Dessa forma, compreendemos a capoeira como espaço de educação não formal, com muitas possibilidades de aprendizagens. Para fundamentar nosso trabalho e subsidiar o debate recorreremos a estudos já elaborados a partir de autores como: Gohn (2001); Munanga (2006); Gomes (2005); Hall (2006); Leal (2009), entre outros. Com os resultados dessa pesquisa constatou-se que a Capoeira se constitui como espaço de educação não formal pois a mesma tem diversas características e valores que oferecem um leque possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem de seus praticantes. A capoeira contribui para identidade do praticante da capoeira através das mediações culturais que podem ou não estar vinculados a ancestralidade histórica valorizada da identidade negra, é um espaço de produção e disputa

**Palavras-chave:** Capoeira; Identidade; Educação não Formal; Relações Étnico-raciais.

SOUSA, Vanusa dos Santos. **Sólo quien es Capoeira sabe ... Una mirada sobre Capoeira, Educación en espacios no formales e Identidad Negra en Mutuípe-BA.** Trabajo Monográfico - Centro de Formación de Profesores de la Universidad Federal del Recôncavo de Bahía. Amargosa, 2018.

## **RESUMEN**

Este trabajo es fruto de la investigación realizada como requisito parcial de Conclusión del Curso de Licenciatura en Pedagogía de la Universidad Federal del Recôncavo de Bahía, y tiene como título: Sólo Quién es Capoeira Sabe ... Un Mirado Sobre Capoeira, Educación en Espacios No Forma y / Identidad Negra en Mutuípe-BA. El objetivo del estudio es comprender cómo el trabajo desarrollado por la Asociación de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe (ACABM) implica para el reconocimiento de la identidad negra y la afirmación de sus integrantes. Para ello, partimos de un abordaje cualitativo mediado por estudio de caso, en que utilizamos observación, cuestionarios y entrevistas semiestructuradas. Los sujetos de la investigación fueron el maestro, contra maestro, y dos profesores formados de la Asociación de Capoeira Axé Bahía de Mutuípe. Este estudio considera la dimensión de que estos son sujetos que poseen vivencias y experiencias cargadas de valores, culturas y saberes, que serán subsidio en la construcción y reconstrucción de prácticas y proyectos para la identidad negra. De esa forma, comprendemos la capoeira como espacio de educación no formal, con muchas posibilidades de aprendizajes. Para fundamentar nuestro trabajo y subsidiar el debate recurrimos a estudios ya elaborados a partir de autores como: Gohn (2001); Munanga (2006); Gomes (2005); Hall (2006); Leal (2009), entre otros. Con los resultados de esa investigación se constató que la Capoeira se constituye como espacio de educación no formal pues la misma tiene diversas características y valores que ofrecen un abanico posibilidades para el proceso de enseñanza-aprendizaje de sus practicantes.

**Palabras clave:** Capoeira; la identidad; Educación no formal; Relaciones étnico-raciales.

VANUSA SOUSA DOS SANTOS

**SÓ QUEM É CAPOEIRA SABE... UM OLHAR SOBRE CAPOEIRA, EDUCAÇÃO  
EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS E IDENTIDADE NEGRA EM MUTUÍPE-BA.**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovado em, \_\_\_ de \_\_\_ de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Carlos Adriano da Silva Oliveira (Orientador)

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

*Fátima Aparecida Silva*

Prof. Dra. Fátima Aparecida Silva

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

Prof. Dr. Kleyson Rosário Assis

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

*Esdras Oliveira de Souza*

Prof. Esdras Oliveira de Souza

Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**ACABM** - Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe

**BA**- Bahia

**CFP** – Centro de Formação de Professores

**IPEA**- Instituto de Pesquisa Aplicada

**IPHAN**- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**LDBEN** – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

**ONGs** – Organizações Não Governamentais

**UFRB**- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

**UNESCO**- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Tabela 1</b> – Brasil - população residente por cor ou raça (2000 e 2010)	44
<b>Quadro 1</b> - Caracterização dos participantes da pesquisa	57
<b>Quadro 2</b> - Caracterização dos participantes da pesquisa quanto a sua profissão e formação	57
<b>Quadro 3</b> – Questão aos participantes: quando pensa em capoeira?	57
<b>Quadro 4</b> – Motivos que levaram à prática da capoeira?	57
<b>Quadro 5</b> – Considerações dos participantes	60
<b>Figura 1</b> – Mapa: região econômica do Recôncavo Sul	55

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 QUE NAVIO É ESSE? CAPOEIRA, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA</b>	<b>19</b>
<b>3 CAPOEIRA E EDUCAÇÃO</b>	<b>27</b>
3.1 PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CAPOEIRA	27
3.2 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	29
<b>4 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL</b>	<b>34</b>
4.1 IDENTIDADE	34
4.2 IDENTIDADE NEGRA	39
4.3 PRECONCEITO RACIAL, DISCRIMINAÇÃO E RACISMO	44
<b>5 PERCURSO METODOLÓGICO E NATUREZA DA PESQUISA</b>	<b>46</b>
5.1 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO, DO LUGAR E DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	52
<b>6 AXÉ BAHIA... NA GINGA ENTRE OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA DE SEUS INTEGRANTES</b>	<b>59</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>75</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da pesquisa realizada como requisito parcial de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que tem como título: “Só quem é capoeira sabe... um olhar sobre a capoeira, educação em espaços não formais e identidade negra em Mutuípe-BA”. O objetivo do estudo é compreender como o trabalho desenvolvido pelo grupo de capoeira Axé Bahia de Mutuípe (ACABM) implica para reconhecimento da identidade negra e afirmação<sup>1</sup> de seus integrantes.

As identidades são definidas pelos comportamentos, costumes que se modificam com a convivência entre sujeitos (GOMES, 1996). Essa identidade é consolidada onde o sujeito se identifica e constrói seu mundo mediante aos processos de negação e/ ou aceitação da cultura<sup>2</sup>. Compreendemos que a capoeira é uma forma viva de resistência e de construção da identidade negra.

O racismo, compreendido como uma doutrina que prega a superioridade de uma raça sobre a outra (BECHARA, 2011), passado de geração em geração traz inúmeras consequências para a população negra e toda sociedade, entre elas o racismo afeta a autoestima, o psicológico, e leva muitas pessoas negras a desenvolvem um sentimento de inferioridade e de negação da sua cor, o que influencia diretamente na formação da sua identidade.

Apesar de ser a maior parcela em números da população do Brasil, dados do Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA, 2015) revelam que a população negra ainda enfrenta inúmeras dificuldades para ingressar no mercado de trabalho, ocupar cargos de chefia, acessar as universidades, ter acesso a saúde e educação, e principalmente é o mais vitimado pela violência de gênero<sup>3</sup>. Todas essas dificuldades socioeconômicas atreladas ao preconceito racial que a população negra enfrenta cotidianamente tem suas raízes em uma identidade estereotipada, e atribuída ao negro, que foi forjada socialmente com o objetivo de inferioriza-

---

<sup>1</sup> “Expressão de ideia ou fato como sendo verdadeiros asserção. Confirmação comprovação”. (BECHARA,2011).

<sup>2</sup> “Conjunto de experiência realizações e conhecimento que caracteriza determinado povo, nação ou religião. Conjunto de conhecimento de determinado individuo” (BECHARA,2011).

<sup>3</sup> “Assim, por corresponder a uma estrutura, o racismo não está apenas no plano da consciência – a estrutura é intrínseca ao inconsciente. Ele transcende o âmbito institucional, pois está na essência da sociedade e, assim, é apropriado para manter, reproduzir e recriar desigualdades e privilégios, revelando-se como mecanismo colocado para perpetuar o atual estado das coisas. Trata-se de um elemento estrutural no Brasil porque formatado desde a vigência do escravismo colonial como modo de produção (GORENDER, 2010), sistematizado por Clóvis Moura mediante as expressões escravismos pleno e tardio (MOURA, 2014) apud (BERSANI,2017).

lo e aprisiona-lo. Nesse sentido, o negro passou a ser colocado no paradigma<sup>4</sup> de inferioridade, expressão do que é exótico ou ruim e até os dias atuais sofrem com as consequências do racismo “... na sociedade brasileira, essa identidade foi formulada historicamente desde o período colonial, com base na inferiorização das diferenças impressas no corpo escravizado” (FERNANDES E SOUZA,2016). Nesse sentido observamos que muitos aparelhos ideológicos<sup>5</sup> funcionaram e funcionam mesmo após um século de “abolição da escravatura” brasileira, para afirmar o lugar do negro enquanto atrelado a inferioridade e servidão.

Para Munanga (2012):

[...] a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude ou a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. (MUNANGA, 2012 p.12)

Nesse sentido, mostrar essa identidade racial de maneira afirmativa, desligando-a das imagens que predominam nos meios de comunicação tem sido ao longo dos anos uma grande luta, sobretudo movimentos sociais negros, responsáveis em toda sua trajetória por denunciar as mazelas da população negra e a desigualdade racial. Os movimentos sociais negros foram um dos principais responsáveis por solapar o mito da democracia racial<sup>6</sup>, suas ações foram cruciais na dinâmica do estado inserir ações públicas que discutem os temas de raça, etnia, discriminação e desigualdade social; bem como avançar em políticas afirmativas.

Nesse cenário de luta e resistência, de contradição diante do mito da democracia racial em torno da preservação e valorização da cultura negra, evidenciamos a capoeira, uma dança/luta com um legado ancestral, que embora em algum momento da história tenha sido marginalizada e considerada crime, resiste e resiste. A capoeira através de suas práticas e rituais que foram historicamente produzidos e repassados de geração para geração, carrega consigo uma intencionalidade, uma prática cultural que tem o objetivo de perpetuação dos valores e costumes, estes são apreendidos através da relação que é estabelecida dentro do grupo.

---

<sup>4</sup> “Paradigma “padrão modelo. (BECHARA,2011).

<sup>5</sup> “Temos que, modernamente, entre os vários aparelhos existentes – igreja, família, sindicatos, partidos – aquele que assumiu posição dominante é o aparelho ideológico escolar, pois é a escola”. (VAISMAN,2006).

<sup>6</sup> Segundo Domingues (2005), democracia racial, a rigor, significa um sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial. O mito da democracia racial é uma distorção dos padrões das relações raciais no Brasil, ideologia construída por uma elite branca, intencional ou involuntariamente, para maquiagem a opressiva realidade de desigualdades entre negros e brancos. As raízes históricas do mito são: 1) produção da elite intelectual e política; 2) literatura produzida por viajantes que visitaram o país; 3) pelo processo de mestiçagem.

A escolha do tema de pesquisa tem grande implicação com minha experiência de vida, pois escrever sobre capoeira, educação e relações étnico-raciais é pensar e refletir sobre toda minha origem<sup>7</sup>, que foi negada durante anos nas escolas e espaços de educação formal, contudo, percebo a grande importância da capoeira como um espaço de educação não formal, espaço potencial de construção da identidade negra, e com isso veio o grande despertar da questão de pesquisa, sobretudo de investigar como é construída essa identidade negra dentro do grupo de capoeira Axé Bahia de Mutuípe (ACABM), um símbolo de resistência.

Por muito tempo admirava a capoeira, e acompanhava meus irmãos frequentarem a associação, naquele momento não praticava porque compreendia a prática como algo que exigia muito esforço físico, e tendo maioria dos participantes homens acabava por inibir minha presença. Dessa forma fiquei por muito tempo sem contato direto com a capoeira, a partir do meu ingresso na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores (UFRB/CFP) no ano de 2012, participando de algumas discussões de gênero e relações-étnicas raciais decidi treinar com o contramestre (Meia Lua<sup>8</sup>) integrante da Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe, que desenvolvia suas aulas no espaço cedido pela prefeitura de Mutuípe. Depois de um período treinando parei por um tempo, pois os horários do treino e da aula na UFRB acabaram por se chocar, mas o interesse pela capoeira mantinha-se vivo e quando a prática não me era possível, recorria a leituras sobre a capoeira.

Para minha felicidade uma aluna formada (Guerreira), decide formar um grupo para treinar composto apenas por mulheres e retorno para a capoeira com muita garra e força de vontade, pois já compreendia aquele espaço como lugar de resistência e de possibilidades de fortalecimento enquanto mulher negra. Na trajetória escolar a construção da minha identidade negra foi muito comprometida, e a escola revelou-se como mais um mecanismo de perpetuação de preconceitos, onde o negro não se vê representado e quando isso ocorre, infelizmente é de forma negativa. Por outro lado, ainda creio que a escola também pode se constituir em um espaço privilegiado em que essas questões podem ser discutidas, problematizadas, refletidas, trabalhadas e superadas<sup>9</sup>.

Nesse sentido, a lei 10.639/2003 que institui a obrigatoriedade da inclusão da história da África e da cultura Afro-Brasileira no currículo escolar das escolas públicas e particulares da educação básica, representa uma possibilidade da escola se abrir para tratar com mais

---

<sup>7</sup> Trataremos a escrita em primeira pessoa em alguns instantes do texto, dado a relevância pessoal das inquietações / afirmações na pesquisa.

<sup>8</sup> Utilizaremos nomes fictícios para garantir sigilo e as dimensões éticas da pesquisa.

<sup>9</sup> Gênero não é o foco do estudo, foi um resultado encontrado

seriedade as questões étnicas raciais e não apenas de forma pontual, em datas comemorativas como o 20 de novembro ou de forma folclórica.

Outra questão muito importante a ser tratada é o debate de gênero no universo da capoeira. A mulher por muito tempo foi tachada como sexo frágil, sendo alvo de uma sociedade de bases machista, racista e patriarcal.(BRASIL, 1941).

A proibição de mulheres não realizarem esportes, também se estendia para a capoeira, os argumentos da proibição eram diversos desde o fato de requerer muito esforço físico até o determinismo de que a mulher foi concebida para assumir as responsabilidades domésticas e a maternidade. Infelizmente após quase um século da extinção da lei, o patriarcado, machismo e o preconceito são constantes em nossa sociedade.

A questão das desigualdades de gênero em nossa sociedade afeta também o universo da capoeira, colocando a mulher em posições de inferioridade. É possível observar certo desequilíbrio entre homens e mulheres capoeiristas analisando quantos mestres de capoeira do sexo feminino temos hoje no Brasil e quantos mestres do sexo masculino, é possível também observarmos que, embora muitas cantigas façam referência a mulheres ícones da prática da capoeira, elas não são tratadas como referências e suas histórias pouco são lembradas. Os capoeiristas mais conhecidos são homens, porém como afirma Souza (2010), desde o século XIX, algumas mulheres já frequentavam as rodas de capoeira.

Nesse sentido, destacamos:

Maria Felipa de Oliveira era negra, marisqueira e capoeirista baiana, nascida no início do século XIX, moradora da Ilha de Itaparica de onde saía para jogar capoeira no cais de Salvador em pleno regime de escravidão no Brasil. Seu nome está associado ao levante negro de 10 de julho de 1822 que resultou na expulsão das últimas tropas portuguesas da Bahia, resultando na Independência desse Estado, cujas comemorações ocorrem em dois de julho. (ABREU, 2005 apud SOUSA, 2010)

Maria Felipa é só um exemplo de mulher capoeira que fez história, assim como ela tantas outras mulheres espalhadas por toda parte do país desafiaram o poder opressor da época, mulheres à frente do seu tempo a quem o termo de fragilidade nunca lhes serviu, pois desde sempre foram obrigadas a serem fortes, pela sobrevivência e pela defesa do seu povo.

Diante dessas inquietações, o problema de pesquisa surgiu a partir da observação e de algumas inquietações diante das contradições presentes na sociedade referente a capoeira, ora vista como um esporte importante para o corpo, que inclusive passa a ser valorizada quando entra as academias e passa a ser praticada pela classe média, ora tratada de forma preconceituosa e pejorativa pela sua raiz e sua história ancestral. Sabe-se que o preconceito que a capoeira ainda enfrenta está atrelado a sua história, e ao povo que a praticou primeiro,

os negros. Nesse sentido pretendo investigar em que medida a Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe (ACBM) tem proporcionado aos seus integrantes a construção e o fortalecimento da identidade negra.

O presente trabalho também se justifica academicamente, pois entendemos que a educação e a produção da cultura negra estão para além dos espaços escolares, nesse sentido, a capoeira se constitui como um desses espaços de educação não-formal. Ela aparece como uma das atividades que encontra maior receptividade dos jovens e crianças que são excluídos da sociedade ou que apresentam vulnerabilidade social. Acreditamos que isso se deve ao fato de que a capoeira surge como um mecanismo de defesa e de liberdade, que se contrapõe aos valores estabelecidos pela classe dominante. Os sujeitos que são marginalizados, excluídos da sociedade encontram na capoeira espaço de diálogo com sua realidade.

Neste sentido podemos pensar as múltiplas possibilidades de aprendizagem dos sujeitos para além do espaço escolar. Gohn (2001, p.203) afirma que “a aprendizagem se dá por meio das práticas sociais”, nesse sentido as experiências das pessoas em trabalhos coletivos que gera um aprendizado inigualável. Dessa forma compreendemos a capoeira como uma prática cultural, social e muitas vezes política também que engloba um conjunto de saberes e aprendizagens, através de suas práticas e rituais que foram historicamente produzidos.

Assim, para realização da pesquisa optamos pela pesquisa qualitativa pois a mesma nos possibilitará interpretar e atribuir significados aos objetos estudados e fazer uma análise indutiva dos dados durante os processos investigativos. A pesquisa qualitativa que “[...] supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através do trabalho intensivo de campo” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.11). Nessa perspectiva desejamos ouvir e investigar mestres de capoeira e professores e alunos formados da Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe.

Através da pesquisa qualitativa, procurou-se problematizar as implicações para o reconhecimento da identidade negra, bem como identificar as vivências e práticas de integrantes do grupo de capoeira:

Os estudos que empregam a metodologia qualitativa podem descrever a complexidades de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades dos comportamentos dos indivíduos (RICHARDSON, 1999, p.80).

Para fundamentar nosso trabalho e subsidiar o debate recorreremos a estudos já elaborados a partir de autores como: Gohn (2010, 2011); Munanga (1994,2005); Gomes (1996, 2005); Hall (2006, 2008); Oliveira e Leal (2009), entre outros.

Como técnica de coleta de dados utilizamos a entrevista semiestruturada a qual estabelece um sentido de troca e interação, bem como aplicação de questionário, com o objetivo de conhecer o perfil dos participantes como fonte de caracterização, em especial elementos como gênero, cor autodeclarada, faixa etária, tempo de capoeira, percepções, entre outros.

Visando à melhor explicação de que caminhos trilhamos no desenvolvimento desta investigação, estruturamos o trabalho da seguinte forma: após a introdução, a segunda seção (Que navio é esse? Capoeira, história e resistência), desenvolve um breve histórico da capoeira, apresentando suas possíveis origens, seu significado; sua simbologia e resistência que a torna parte fundamental na história da nação brasileira. Na terceira seção (Capoeira e Educação), abordaremos a capoeira enquanto elemento de educação não formal, buscando identificar as diversas possibilidades de produção de saberes que essa manifestação cultural apresenta, enquanto princípio de sociabilidade e educação. Na quarta seção (Algumas reflexões sobre identidade e identidade negra no Brasil), apresentamos os conceitos de identidade, refletindo quais processos perpassam a formação da identidade negra e como essa se constitui diante de um país marcado pelo racismo e desigualdades sociais.

Na quinta seção (Percurso Metodológico e Natureza da Pesquisa), apresentaremos o percurso metodológico da pesquisa, mostrando as escolhas de coleta de dados, caracterizando os sujeitos da pesquisa, bem como situando o lugar de pertencimento e a história do grupo de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe. Na quinta seção (Axé Bahia... na ginga entre os desafios e possibilidades da construção da identidade negra de seus integrantes) apresentaremos os resultados da pesquisa, evidenciamos as falas dos sujeitos com seus posicionamentos e contribuição através da transcrição de entrevistas, em diálogo com as leituras e provocações das seções anteriores. Por fim, apresentaremos as conclusões do trabalho.

## 2 QUE NAVIO É ESSE? CAPOEIRA, HISTÓRIA E RESISTÊNCIA

*Que navio é esse, que chegou agora*  
*É o navio negreiro, com os escravos de Angola*  
*Vem gente de Cambinda / Benguela e Luanda*  
*Eles vinham acorrentados*  
*Pra trabalhar nessas bandas*  
*Que navio é esse, que chegou agora*  
*É o navio negreiro, com os escravos de Angola*  
*Aqui chegando não perderam a sua fé*  
*Criaram o samba, a capoeira e o candomblé*  
*Que navio é esse, que chegou agora*  
*É o navio negreiro, com os escravos de Angola*  
*Acorrentados no porão do navio, muitos morreram de banzo e de frio.*  
 FONTE: Abadá Capoeira, Compositor: Mestre Camisa

Músicas, ladainhas e lamentos são utilizadas na capoeira para contar a história dos nossos antepassados, e através delas a história oral foi sendo passada de geração em geração. História de um povo que tinha sua vida transformada a partir do momento em que adentravam os “navios negreiros” e ao chegar no Brasil eram forçados ao trabalho escravo e obrigados a incorporar elementos de uma nova cultura, como a língua e os costumes. Mas o canto também foi e é utilizado na capoeira como forma de diversão, sarcasmo, brincadeiras, desafios entre outros.

De certo não há consenso absoluto entre as pessoas que ao longo do tempo tem se dedicado a escrever sobre essa temática, nesse sentido Marinho (1956), acredita que prática nasceu na África e fora trazida para o Brasil. Para outros pesquisadores, estudiosos da cultura afro-brasileira, africana e historiadores, a capoeira surgiu no Brasil por um processo de aculturação em prol da liberdade humana da “raça” negra escravizada pelos dominantes da época do Brasil colonial (RITTER apud SANTOS, 1990, p. 19). Para Areias (1983), a capoeira nasceu em terras brasileiras a partir dos negros escravizados que a utilizaram para fugir e se defender dos feitores e capitães do mato, sendo incrementada com elementos da cultura africana.

Diante dessa ausência de consenso que perdura até os dias atuais, consideramos que afirmar a origem da capoeira requer maiores estudos e processos de investigações, que, no entanto, não se tratando do objetivo desse trabalho. Trataremos dessa temática apresentando alguns diálogos que apontam momentos da sua trajetória que foram preservados, sejam através da história oral, e devemos considerar que ao longo do tempo há uma perda relevante nessa transmissão, ou seja através da história documentada, que também teve perdas deixando

algumas lacunas por consequência de questões políticas, destruição de documentos, entre outros fatores.

Sabe-se que a capoeira chega junto ao processo de escravização, iniciado no Brasil por volta do ano de 1560, considerado um momento de maior crueldade humana na história do nosso país, pois nessa época os negros eram considerados mercadorias e uma raça inferior.

Ao chegar ao Brasil, os negros sequestrados do continente Africano, eram batizados pelos padres e *ferroados* para serem identificados, forçados a seguir ao cristianismo, uma cultura diferente da sua origem, essas pessoas eram obrigadas a trabalhar nas plantações, e com afazeres domésticos desempenhando todos os tipos de trabalho nas piores condições possíveis, diante disso a única saída era a *resistência*, e seus corpos eram as únicas armas a ser em utilizadas (REGO, 1968).

*No tempo em que o negro chegava fechado em gaiola  
 Nasceu no Brasil, Quilombo e quilombola  
 E todo dia, negro fugia, juntando a curriola  
 De estalo de açoite de ponta de faca  
 E zunido de bala  
 Negro voltava pra Angola  
 No meio da senzala  
 E ao som do tambor primitivo  
 Berimbau, maracá e viola  
 Negro gritava "Abre ala"  
 Vai ter jogo de Angola*

*Perna de brigar, Camará  
 Perna de brigar, Olê  
 Ferro de furar, Camará  
 Ferro de furar, Olê  
 Arma de atirar, Camará  
 Arma de atirar, Olê... Olê*

*Dança guerreira  
 Corpo do negro é de mola  
 Na capoeira  
 Negro embola e desembola  
 E a dança que era uma festa para o dono da terra  
 Virou a principal defesa do negro na guerra  
 Pelo que se chamou libertação  
 E por toda força coragem, rebeldia  
 Louvado será todo dia  
 Esse povo cantar e lembrar o Jogo de Angola  
 Na escravidão do Brasil*

(Composição: Mauro Duarte / Paulo César Pinheiro)

A Capoeira foi criada como um método guerreiro usado pelos africanos de várias etnias, de afro brasileiros. Inicialmente a capoeira se desenvolve com intuito de defesa contra a violenta exploração e os maus tratos sobrepostos pelos opressores, donos dos engenhos, ao

mesmo tempo a capoeira era uma alternativa para manter viva a sua cultura, ideais, valores e crenças.

As formas de *resistência* se manifestavam de diversas naturezas, aqueles que fugiam/resistiam e não voltavam, davam esperança para os outros. Os quilombos se configuravam como resistência coletiva, um lugar onde estavam longe da opressão imposta pelos senhores. No Brasil, os quilombos eram espalhados por todo território, e maior foi o quilombo dos Palmares no estado de Alagoas, onde a figura simbólica de Zumbi dos Palmares se ergue. Diante da pressão e da multiplicação da resistência às autoridades portuguesas buscavam formas de controlar os escravizados.

*Sou Guerreiro do Quilombo, Quilombola, Lê lê lê ô  
 Eu sou Negro dos Bantos de Angola, Negro nagô  
 Fomos trazidos pro Brasil, Minha família separou  
 Minha mana foi vendida, Pra fazenda de um senhor  
 O meu pai morreu no tronco, No chicote do feitor  
 O meu irmão não tem a orelha, Porque o feitor arrancou  
 Na mente trago tristeza, E no corpo muita dor  
 Mas olha um dia, Pro quilombo eu fugi  
 Com muita luta e muita garra,  
 Me tornei um guerreiro de Zumbi  
 Ao passar do tempo, Pra fazenda eu retornei  
 Soltei todos os escravos, E as senzalas eu queimei  
 A liberdade, Não tava escrita em papel  
 Nem foi dada por princesa, Cujo nome Isabel  
 A liberdade, Foi feita com sangue e muita dor  
 Muitas lutas e batalhas, Foi o que nos despertou  
 Sou Guerreiro do Quilombo Quilombola, Lê lê lê ô  
 Eu sou Negro dos Bantos de Angola, Negro nagô  
 Sou Guerreiro do Quilombo Quilombola, Lê lê lê ô  
 Eu sou Negro dos Bantos de Angola, Negro nagô.  
 (Composição: Mestre Barrão)*

Apresentando grandes ameaças aos poderosos da época a capoeira logo foi proibida, no século XIX através da Lei nº 487, de autoria de Sampaio Ferraz, a prática da capoeira é proibida e a legislação previa punição de 2 a 6 meses de trabalho forçado na ilha de Fernando de Noronha. Nesta época, a capoeira recebeu um tratamento criminal através deste código Penal ficando conhecida como capoeiragem (ADORNO, 1999).

Código Penal da República dos Estados Unidos Do Brasil  
 Decreto número 847  
 De 11 de outubro de 1890  
 Capítulo 13  
 Dos vadios e capoeiras  
 Artigo 402  
 Fazer nas ruas e praças públicas  
 Exercícios de agilidade e destreza corporal  
 Conhecido pela denominação "Capoeiragem"

Andar em correrias com armas e instrumentos  
 Capazes de produzir lesão corporal  
 Provocando Tumulto ou desordem  
 Ameaçando pessoa certa ou incerta  
 Ou inculcando temor de algum mal  
 Pena: De Prisão celular de 2 à 6 meses

Parágrafo único

É Considerável circunstancia agravante  
 Pertencer o capoeira a algum bando ou maúrea  
 Aos chefes ou cabeças  
 Se em porá pena em dobro<sup>10</sup>

Iêê...

Dona Isabel que história é essa?  
 Dona Isabel que história é essa  
 Oi ai ai!  
 de ter feito abolição?  
 De ser princesa boazinha, que libertou a escravidão  
 To cansado de conversa  
 To cansado de ilusão  
 Abolição se fez com sangue  
 Que inundava este país  
 Que o negro transformou em luta  
 Cansado de ser infeliz  
 Abolição se fez bem antes  
 E ainda há por se fazer agora  
 Com a verdade da favela  
 E não com a mentira da escola  
 Dona Isabel chegou a hora  
 De se acabar com essa maldade  
 De se ensinar aos nossos filhos  
 O quanto custa a liberdade  
 Viva Zumbi nosso rei negro  
 Que fez-se herói lá em Palmares  
 Viva a cultura desse povo  
 A liberdade verdadeira  
 Que já corria nos Quilombos  
 E já jogava capoeira

Iê! viva Zumbi  
 (Iêê Viva Zumbi, Camará)  
 Iê! Rei de Palmares  
 (Iêê Rei de Palmares, Camará)  
 Iê! Libertador  
 (Iêê Libertador, Camará)  
 Iê! Viva Meu Mestre  
 (Iêê Viva Meu Mestre, Camará)  
 Iê! Quem me ensinou  
 (Iêê quem me ensinou, camará)  
 Iê! A Capoeira  
 (Iêê a Capoeira, Camará)

Composição: Mestre Toni Vargas

<sup>10</sup> Essa ladainha cantada pelo mestre Toni Veiga, inicia com o código penal, ou seja, faz parte da música.

É interessante refletimos que o negro não era considerado gente no aspecto cível, social nem mesmo humano, dessa forma não tinha direitos. No entanto, no âmbito penal logo era reconhecido enquanto pessoa, logo, passível de ser preso. Ou seja, a sociedade, as leis, os valores funcionavam de forma a atender os interesses da elite branca. Assim:

A evolução das leis acontecia na mesma ordem em que os escravos iam gradativamente obtendo suas liberdades, através de cartas de alforria ou de compras de suas liberdades, o que lhes conferia um novo status jurídico. Um dos maiores períodos de perseguição à capoeiragem se deu a partir da vinda da família imperial ao Brasil, fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte. Uma nova estrutura policial foi criada, com o intuito de proteger o imperador de possíveis espões estrangeiros, de escravos revoltosos e outros perigos. Foi criada a guarda real de polícia, que seria dirigida pelo major Miguel Nunes Vidigal, um habilidoso capoeira, mas que instituiu severa perseguição aos que praticavam o jogo. Temido, invadia com sua tropa as rodas de samba e candomblés e sobre os capoeiras aplicava uma terrível surra que chamava de “Ceia dos camarões” (VIEIRA, 2004 apud CORDEIRO; CARVALHO, 2013, p. 72).

Ainda que livres os negros não podiam praticar a capoeira, mas eles não desistiram e buscavam mecanismos para burlar tal proibição, e muitas vezes disfarçava a pratica incorporando a musicalidade dando assim aspecto de dança e por muito tempo conseguiram forjar o sentido e manter a capoeira. Por muito tempo a capoeira esteve escondida em becos, fundo de quintais, campos, favelas, entre outros lugares, que impossibilitasse sua descoberta e assim a pratica foi sendo passada. Diante de leis severas a capoeira circulava em meio a ilegalidade, a ordem e a desordem. A prática era associada à formato de marginalidade, vadiagem, infrator das normas de convívio social, dando aos negros uma identidade depreciativa. Segundo a Lei de Proibição da Capoeira a mesma ficou “proibida” de 1890 a 1937 por lei e só no ano de 1935 a capoeira deixou de constar como arte proibida com a queda do Decreto de 11 de outubro de 1890.

A história nos diz que há duas vertentes da capoeira: a capoeira Angola e a capoeira Regional, tendo mestre Pastinha como precursor da capoeira Angola e mestre Bimba como precursor da capoeira Regional. O estilo mais antigo é a capoeira Angola e suas principais características são: ritmo musical lento; golpes jogados mais baixos, mais perto do solo e muita malícia, já o estilo Regional, tem como principais características: mistura da malícia da capoeira Angola com o jogo rápido de movimentos, ao som do berimbau e os golpes são rápidos e secos.

Oliveira e Leal (2009) descrevem que na década de 1930, Mestre Bimba<sup>11</sup> e Mestre Pastinha<sup>12</sup>, reordenando o seu lugar na ordem social, tirando-a do crime para o campo da educação física, antiga reivindicação de parte da primeira geração republicana. Essa mudança fora crucial para a aceitação da capoeira novamente na sociedade. Posteriormente, em 1937, a então Secretaria da Educação conseguia um registro oficial que qualificava seu curso de capoeira como Curso de Educação Física. Em 26 de dezembro de 1972 a capoeira foi homologada pelo Ministério da Educação e Cultura como modalidade desportiva.

Em 1932, o então presidente da república, Getúlio Vargas, buscando atrair a simpatia do povo brasileiro, liberou algumas manifestações culturais populares que estavam proibidas, principalmente as afro-brasileiras, e, dentre elas, a capoeira. Em 1936, oficialmente, Getúlio Vargas extinguiu o decreto que proibira a prática da capoeira, descriminalizando-a, classificando-a como instrumento de Educação Física e concedendo ao Mestre Bimba a licença e o registro da Secretaria de Educação, Saúde e Assistência, para o funcionamento de sua escola como centro de educação física (AREIAS, 1932 apud BRAGA; SALDANHA, 2014).

Nesse aspecto, Nestor Capoeira (2001, p. 79) considera que:

A capoeira sofreu mais uma transformação; embarcou na “retórica do corpo”, de Getúlio Vargas, trocou a rua pelos recintos fechados das academias, saiu da marginalidade para a legalidade [...] e deixou de ser uma filosofia da malandragem para se tornar mais acadêmico-desportiva.

Nesse sentido, ao adentrar as academias a capoeira passa a romper com o caráter de marginalização, sobretudo porque sua prática passou a atrair o interesse da classe média e alta, passando a ser praticada por universitários, professores, policiais, artistas e outros. Nesse processo houve uma abertura muito grande para as mulheres, considerando que até então a prática era predominantemente realizada por homens.

No ano de 1932, Mestre Bimba fundou o Centro de Cultura Física e Luta Regional, sendo a primeira instituição oficial brasileira de capoeira e em 23 de julho de 1953, ao realizar uma apresentação ao presidente Getúlio Vargas em Salvador, no Palácio da Aclamação, capoeira foi reconhecida pelo então presidente como “o único esporte verdadeiramente

---

<sup>11</sup> Manoel dos Reis Machado (1900-1974), capoeirista baiano conhecido por mestre Bimba, foi responsável pela criação do Centro de Cultura Física e Regional da Bahia, onde ensinava a capoeira. Protagonista de uma das mais importantes transformações sofridas pela prática da capoeira nas décadas de 1930 e 1940. Representa nos dias de hoje um dos mais significativos símbolos da cultura afro-brasileira. (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 22).

<sup>12</sup> Vicente Ferreira Pastinha nasceu em 1889. No ano de 1941, fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola, situado no Largo do Pelourinho. Pastinha trabalhou bastante em prol da Capoeira, representando o Brasil e a Arte Negra em vários países. Em Abril de 1981, participou da última roda de Capoeira de sua vida. Numa sexta-feira, 13 de novembro de 1981, Mestre Pastinha se despede desta vida aos 92 anos, cego e paraplégico, vítima de uma parada cardíaca fatal. (CARNEIRO, 2012).

nacional”. A partir de então a capoeira é elevada ao status de esporte, e o ensino da capoeira passa a tomar grandes proporções, tendo como destaque Mestre Bimba, em Salvador, porém abrangendo vários outros estados do Brasil.

Em 26 de dezembro de 1972, a capoeira foi oficializada pela Confederação Brasileira de Pugilismo, tendo o Regulamento Técnico da Capoeira sido aprovado pelo Conselho Nacional de Desportos. Campeonatos nacionais de capoeira passaram a ser realizados desde então a nível regional, estadual, nacional e posteriormente até internacionalmente.

Existem alguns argumentos que a capoeira de Mestre Bimba, chamada capoeira regional é tida como uma outra capoeira. Contudo, Rego (1968) afirma que:

A capoeira é uma só, com gíngua e determinado número de toques e golpes, que servem de padrão a todos os capoeiras, enriquecidos com criações novas e variações sutis sobre os elementos matrizes, mas que não os descaracterizam e interferem na sua integridade. Apenas o que houve na capoeira dita regional, foi que o Mestre Bimba a desenvolveu, utilizando elementos já conhecidos dos seus antepassados e enriquecendo com outros a que não lhes foi possível o acesso. Mesmo assim, os elementos novos introduzidos, são facilmente reconhecidos e distintos dos tradicionais como é o caso dos *golpes ligados* ou *cinturados*, provenientes dos elementos de lutas estrangeiras. (REGO, 1968, p. 32).

O que sabemos é que com o passar do tempo uma certa queda de braço foi instaurada entre aqueles que apreciam a capoeira apenas como esporte e fonte de lucro e aqueles que vê na capoeira um legado histórico, da arte da resistência ancestral. Há também certa divergência entre acadêmicos que defendem que para ensinar a capoeira em instituições de ensino formal deve-se ter diploma acadêmico e aqueles que a vida toda defenderam, e transmitiram os saberes da capoeira, lutaram pela sua preservação mesmo sem nenhum conhecimento acadêmico.

Desde o surgimento da capoeira até aqui essa prática passou por muitas transformações e ganhou o mundo. Em 2008, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) registrou a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira como patrimônios culturais imateriais do Brasil e em 26 de novembro de 2014, a UNESCO, declarou a roda de capoeira como sendo um patrimônio imaterial da humanidade. Segundo a organização, a capoeira é o símbolo da luta e resistência dos negros brasileiros contra a escravidão durante os períodos colonial e imperial da história.

Diante de trajetória da capoeira considera-se que a capoeira Angola traz consigo elementos da negritude, e resistência, resgatando elementos como as ladainhas, o lamento, a capoeira rasteira, as chamadas de angola, e outros elementos que, hoje, ainda são utilizados

em respeito e memória dos negros, que para aqui foram trazidos, assim como, a memória do seu criador, Mestre Pastinha.

Após todos os conhecimentos adquiridos sobre a capoeira, seu significado, sua importância, sua simbologia e sua resistência, compreendemos o valor que a capoeira tem, ela é parte da história brasileira e na atualidade continua sendo de fundamental importância em um país profundamente marcado pelo racismo e extrema desigualdade social.

### 3 CAPOEIRA E EDUCAÇÃO

*“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.*

Paulo Freire

Nesta seção abordaremos a capoeira enquanto elemento de educação não formal, buscando identificar as diversas possibilidades de produção de saberes que essa manifestação cultural apresenta, enquanto princípio de sociabilidade e educação. Abordaremos, também, os conceitos de educação não formal.

Como podemos ver na seção anterior, que trouxe um pouco da história da capoeira, esse fenômeno não surgiu de uma hora para outra para se configurar enquanto esporte, a capoeira é muito mais, ela é uma arte com histórico de luta pela emancipação do negro, o que a legitima como uma manifestação cultural libertaria.

#### 3.1 PRÁTICAS EDUCATIVAS NA CAPOEIRA

A história da capoeira aponta vários desdobramentos desde sua criação até os dias atuais, podemos perceber que capoeira nos educa através da ancestralidade. Nesse processo a capoeira se reconfigurou em alguns momentos, enfrentando barreiras e quebrando preconceitos, na luta incessante para transformar a luta marginal conhecida através do decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890 em uma luta cheia de saberes, e práticas educativas, que consequentemente torna-se reconhecida enquanto uma riquíssima alternativa educacional em espaço forma, e não formal. Como afirma Campos (2006, p.37), “[...] a capoeira saiu dos guetos, do terreno baldio, do quintal e conquistou a rua, a praça, a academia, o clube, o teatro, a escola e a universidade; conquistou a sociedade brasileira e, atualmente, está espalhada no mundo”.

Segundo Silva (2003):

A Capoeira é por tudo isso, sua história e origem, um potente instrumento de educação e integração social. Ela nasceu da luta contra a exclusão; combateu, desde os primórdios da escravidão, a opressão. É uma arte que demonstra ser possível viver em harmonia independentemente da cor da pele ou origem social. (SILVA, 2003, p. 35).

FERNANDES, 2013 apud CAMPOS, 2006, afirma que, alguns estudos apontam que a prática da capoeira vai muito além das gingas (FERNANDES, 2013 apud CAMPOS, 2006), nessa perspectiva o ensino formal da capoeira perpassa por aspectos para além dos exercícios

físicos, e das técnicas do jogo, está prática se manifesta através de aspectos sociais e culturais que reúne diversos valores civilizatórios da cultura africana tais como corporeidade, musicalidade e ritualidade. Além dos fundamentos históricos, e da forte ligação com a cultura e os saberes africanos<sup>13</sup>. Nesse sentido a apropriação da capoeira apenas enquanto esporte/luta sem está vinculado a seus aspectos históricos e ancestrais deixa de ter o sentido educativo que auxilia para o conhecimento da história do povo negro e da própria formação social do nosso país, além de colaborar para a formação e reconhecimento da identidade negra e para o enfrentamento do racismo. Partindo desse pressuposto a prática da capoeira deve ser uma atividade prazerosa e principalmente uma ação educativa de se fazer, podendo ser utilizada como meio de trabalho da consciência crítica do educador e do educando, pois a preocupação não é apenas voltada ao esporte em si mas principalmente com o cunho cultural, valores, identidades, a fim de formar cidadãos críticos e agentes de transformação (CAMPOS, 2013, p.20).

Nessa perspectiva, mestres, contramestres, professores e alunos formados da capoeira precisam compreender essa experiência de formação histórica da capoeira, para auxiliar seus alunos na construção da identidade, na formação crítica e ativa na sociedade, no reconhecimento dos processos e mecanismos de opressões que envolvem a vida e o contexto em que os mesmos estão inseridos. Formação essa que não está atrelada a academia, mas a vivências e trocas de experiências com outros grupos, sobretudo os mais antigos; se dá através da participação em atividades diversas que discutem as questões étnicas raciais, para assim se apropriarem do ouro que tem nas mãos.

A capoeira traz aos seus praticantes muitos benefícios, pois na medida em que ela aprofunda a sua prática, mais sincroniza com os movimentos preparando o corpo tanto para luta como para vida social. No entanto trata-se de uma prática que exige muita disciplina, o que faz acrescentar novos valores à personalidade do participante, tais como o respeito à ética, o cumprimento das normas e regulamento, a obediência os preceitos e tradições, a noção de parceria e companheirismo indispensáveis ao aprendizado, os quais contribuem para a formação do caráter forte e equilibrado (SANTOS; FILHO, 2005).

---

<sup>13</sup> Saberes africanos, no campo religioso, os africanos também tiveram de reinventar suas crenças. Surge assim o sincretismo religioso, forma de manter os rituais religiosos de origem e o culto de suas divindades camufladas sob os nomes de santos portugueses. O candomblé, primitivamente um baile africano, tornou-se no Brasil um conjunto de cultos e religiões, podendo ser percebido como uma ressignificação da crença nas divindades dos ancestrais africanos. O costume, entre os brasileiros, de jogar um pouco da bebida para o santo, era usado pelos africanos para agradar os mortos e as divindades que acreditavam poder interferir na realidade dos vivos. Outros saberes significativos trazidos pelos africanos interpenetram-se em vários campos da vida social e econômica: modos de vestir (uso de turbantes, de cavanhaque, como entre os Haussás), métodos e técnicas de plantar e colher, enfim, modos de fazer. (CADERNOS DE HISTÓRIA, 2006)

A atenção é outro fator de grande importância no jogo da Capoeira, considerando que se não há atenção no jogo pode ocorrer um acidente, para um dos jogadores, havendo uma possível lesão. Tem que ter malícia e leveza, ter grande flexibilidade no corpo, saber gingar o tempo todo, fazer a prática com constante negociação entre defesa e ataque, cair e levantar, ir e vir. E saber lidar com o imprevisto do seu par.

Entre a ginga da capoeira os processos de ensino e de aprendizagem ocorrem de forma natural, trazendo para a roda momentos de diálogos e formação, refletindo os momentos em que a vida nos quer atentos, em que será necessário usarmos da malícia para não sermos massacrados pelo sistema racista, classista e opressor. A roda também deve ser usada como sinônimo de respeito recíproco entre mestre e aluno, em uma troca de conhecimento, de ensinar e aprender. Porém, é imprescindível que se respeite a hierarquia da capoeira.

Na roda de Capoeira existe também um grande diálogo corporal entre os jogadores, que por si só já tem muito de educativo, através de gesto há uma comunicação, troca de olhar e sintonia entre a dança e luta.

Nesse sentido Silva (2008) considera que;

O diálogo corporal que envolve os jogadores numa roda de capoeira simula posturas dialéticas entre dança e luta, resguardadas por um código ético ancestral que cria uma relação simbólica de interdependência entre os jogadores, que disputam entre si a partir da ambiguidade de superação do outro “com” o outro, ou seja, a noção de “ganho”, na mesma medida em que está atrelada ao individual pertence também à dupla, pois não existe bom jogo de capoeira que dependa exclusivamente da atuação de um só indivíduo. Desta forma, o uso das pernas, braços e todo o corpo, precisa necessariamente estar condicionado a todo este simbolismo relacional da constante “negociação” entre defesa e ataque, cair e levantar, ir e vir, usando o próprio corpo como estratégia de comunicação de intenções veladas ou explícitas deste diálogo corporal. (SILVA, 2008, p. 85).

É através da execução dos movimentos da Capoeira que o indivíduo poderá facilmente familiarizar-se com as possibilidades do próprio corpo, conhecer sua respiração, e encontrar equilíbrio. Além de muitas outras possibilidades de ritmos e dinâmicas que fortalecem a integração dos envolvidos, o que conseqüentemente auxilia no amadurecimento das noções tempo-espço, além de desenvolver uma atitude de interesse e cuidado com o próprio corpo.

Como podemos observar a capoeira é um potente meio de educação, sociabilização e integração social através de seus ensinamentos históricos, culturais, ancestrais. Ela faz parte da nossa história e seus ensinamento são passados de geração em geração, como ato de resistência do povo negro. Foi preciso muita luta para que hoje a capoeira fosse reconhecida enquanto manifestação cultural popular brasileira, e é papel de toda sociedade defender essa prática.

### 3.2 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

O conceito de educação tem se ampliado muito sobretudo a partir das últimas décadas do século XX e início do século XXI, diante das mudanças ocorridas no âmbito dos processos econômicos, sociais, políticos, trazendo para o campo educacional novos desafios a serem enfrentados. Diante desse panorama a sociedade brasileira se vê de um lado diante de diversas desigualdades sociais, que coloca as “minorias” a margem da sociedade e fora do projeto de desenvolvimento econômico do país; e do outro lado, frente a diversos movimentos sociais organizados e ativos, exigindo novas ações no que tange a esfera pública e privada.

Os movimentos sociais exigem também uma educação com princípios democráticos e que contemplasse os interesses da classe trabalhadora. Nesse sentido é necessário que a educação e sua organização, seja convocada a traspor as paredes da escola, para dialogar com a sociedade, com os espaços de trabalho, de coletivismo, lazer, associativismo, entre outras. Pois as práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos sociais, nas associações comunitárias, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania práticas indenitárias, nas lutas contra desigualdade e exclusões sociais, entre outros. Nesse sentido, Gohn (2011) afirma que a educação não se limita apenas aos espaços escolares formais, atrelados somente ao processo de ensino-aprendizagem de seus educandos.

Diante desde pressuposto, configura-se uma nova forma de pensar os processos educativos, para além das escolas, através de processos organizativos da sociedade civil e movimentos sociais e não governamentais (ONGs), bem como iniciativas de processos educacionais articulados com a escola e comunidade. Fazendo sempre compreender a memória que a educação para as camadas populares assim como as metodologias qualitativas que se propõe a fazer estudos junto às experiências de grupos, de organizações, instituições, nasceram à margem do processo acadêmico e da sociedade, que sempre validou o conhecimento hegemônico como único modelo valido de conhecimento.

Afirmamos a capoeira como espaço de educação não formal, o qual trataremos neste contexto. A capoeira é uma educação extramuros escolares, como já foi citado anteriormente, proporciona ao indivíduo uma experiência de conhecimento fora do ambiente formal, produzindo significados identitários. Os grupos de capoeira promovem atividades vinculadas ao conhecimento dos movimentos, dos valores sociais, pessoais, habilidades físicas e contexto histórico

Segundo Maria da Gloria Gohn (2001, p.91),

Até os anos 80, a educação não-formal foi um campo de menor importância no Brasil, tanto nas políticas públicas quanto entre os educadores [...] Em alguns momentos, algumas luzes foram lançadas sobre a educação não-formal, mas ela era vista como uma extensão da educação formal, desenvolvida em espaços exteriores as unidades escolares.

A educação não formal é um campo que vem se consolidando desde as últimas décadas do século XX e a explicação para este fato advém das mudanças e transformações ocorridas na sociedade neste período, especialmente com a globalização (GOHN, 2010).

Gohn (2010) considera, ainda, que:

A educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamentos de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos do cotidiano; A educação não-formal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube. (GOHN, 2010 p. 15-16).

A educação não formal volta-se para a formação de cidadãos (as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos assim como de deveres para com o (s) outros (s). Nesse sentido o conceito de educação não formal corresponde um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais (GOHN, 2010).

Frigotto (2002) colabora com a defesa de uma educação para além dos espaços escolares na medida em que considera que:

A educação, nesta perspectiva, é elemento crucial no processo de emancipação da classe trabalhadora e de estabelecer práticas sociais comprometidas com a dignidade e a vida de todos os seres humanos. (FRIGOTTO, 2002, p. 65).

A defesa da educação para as classes populares se faz necessária, sobretudo porque muitos indivíduos foram excluídos do processo de escolarização formal, por não se adequarem as normas e padrões estabelecidos pela educação formal; por falta de políticas públicas que lhe garantisse ingresso e permanência na escola. Considerando que esse debate e sua inserção nas políticas públicas está profundamente vinculado às transformações do trabalho e conseqüentemente à estrutura política de estado.

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDBEN), define educação como aquela que abrange “[...] processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”

(LDBEN, art.1º,1996). Portanto a educação não formal não corresponde a uma forma marginal de educação, mas uma forma legal e viável, assegurada pela legislação educacional brasileira, que requer maior atenção e investimentos do estado para desenvolver-se junto aos movimentos e organizações sociais.

Os processos educativos que emergem dos espaços coletivos não são encontrados nos ambientes fechados de aprendizagem, pois na educação não formal os indivíduos são os protagonistas da sua história, e o processo de aprendizagem pensa na formação humana de forma integral. Nessa perspectiva acreditamos que o espaço constituído através das organizações da capoeira, se traduzem em possibilidades de experiências educativas riquíssimas, que muito tem a contribuir para a formação de sujeitos políticos, que pensam, que agem, que dialogam, que transformam seu modo de ver o mundo e de se relacionarem com o outro. Para Gohn (2011), a educação não formal é uma possibilidade de produção de conhecimento em territórios fora das estruturas curriculares da Educação formal:

A capoeira, uma das mais significativas manifestações da cultura corporal afro-brasileira, se apresenta então como uma possibilidade geradora de compreensões de interseções entre aspectos ambientais, culturais, sociais e educativos tecidos pela corporeidade e por seu vasto universo simbólico, apresentados na roda de capoeira. (SCHROEDER; VIEIRA; SILVA, 2017, p. 13).

Pensando a relação com a capoeira, o processo político-pedagógico de aprendizagem e produção de saberes da educação não formal possui várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos como cidadãos, aprendizagem de habilidade/ ou desenvolvimento de potencialidades em espaços diversos, desenvolvimento da criticidade, da reflexão, da participação ativa na sociedade, na possibilidade de ampliação das visões, sobretudo aprendendo a desenvolver a leitura de mundo do ponto de vista da compreensão do que se passa ao seu redor, de como o poder se estrutura, da sua condição de trabalhador, são concepções fundamentais na educação não formal.

É importante compreendermos que há uma ampla diversidade de interesses e objetivos das propostas de educação não formal. A educação não formal é uma educação em disputa, pois ela é política, na medida em que se deseja formar sujeitos críticos e ativos no mundo, que não aceite as imposições políticas e econômicas, mas busquem mecanismos de superação de suas dificuldades. Nesse sentido os espaços educativos estão direcionados suas temáticas e formação de acordo com as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, de acordo com a realidade socioeconômica em que estão inseridos, com a relação de trabalho, de cultura...

Na capoeira para que esse espaço se constitua como espaço de aprendizagem e formação humana é necessário ir além da prática em si da capoeira. É necessário um trabalho

que articule a historicidade, a ancestralidade, as ideologias que levaram o povo negro a serem escravizados, a construção da identidade negra, os processos do racismo, entre outros. Para que de fato a emancipação sociopolítica e autonomia dos excluídos aconteça via a educação não formal. Considerando que a emancipação só é possível a partir da formação de amplos consensos em torno de uma concepção de mundo alternativa a que predomina no status do vigente, que se contraponha a concepção hegemônica que reproduz a dominação existente, que se reproduz cotidianamente.

A educação para a emancipação deve ser vista não apenas como uma meta futura, um desenho, mas conceber-se como uma prática social que deve ser indicada hoje, aqui e agora. Pois a educação é uma arma chave para formação de pessoas consciente de sua história.

## 4 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL

*Ninguém nasce odiando o outro pela cor de sua pele, ou por sua origem, ou religião. Para odiar as pessoas precisam aprender, se elas aprendem a odiar, podem ser ensinadas a amar...*

(Da autobiografia “O longo caminho para a liberdade”, 1994. Nelson Mandela)

### 4.1 IDENTIDADE

O tema da identidade de modo geral tem ganhado grande relevância nos últimos tempos, sobretudo nas áreas da Educação, Antropologia, Psicologia, na Sociologia e nos Estudos Culturais. É inegável que a identidade é um tema que tem contribuído para a compreensão dos sujeitos e do seu posicionamento no mundo, no entanto percebemos que conceitua-la não é tarefa fácil.

Nesse sentido Hall (2006, p. 8), aponta que “[...] o próprio conceito com o qual estamos lidando, ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”. De acordo com essa complexidade que Hall (2006) nos apresenta, esse estudo se propõe a apresentar algumas reflexões sobre o conceito de identidade e identidade negra, a partir dos seguintes estudiosos: Kabengele Munanga (1994, 2003), Hall (2006), e Gomes (1996, 2005).

Hall (2006) apresenta três diferentes concepções de identidade: o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Tais concepções se relacionam com às visões de sujeito ao longo da história. A primeira concepção denominada de identidade do sujeito do Iluminismo, expressa uma visão individualista de sujeito, caracterizado pela centração e unificação, em que prevalece a capacidade de razão e de consciência. Nesse pensamento o sujeito é tido como que possuidor de um núcleo interior que emerge do nascimento e prevalece ao longo de toda a sua vida, de forma contínua. O sujeito sociológico esses sujeito, ele se reconhece mais passa a se modificar de acordo com o diálogo que o mundo oferece

Outra concepção denominada por Hall (1987) como identidade do sujeito pós-moderno, apresenta uma perspectiva em que a identidade não é tida como algo fixo, essencial ou permanente, mas um elemento que é o tempo todo formado e transformado, sofrendo a influência das formas como é representado ou interpretado pelos diferentes sistemas culturais.

No pós-modernismo a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente, considerando que dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que identificações estão sendo deslocadas.

Nessa concepção a visão de sujeito encontra-se relacionado a questões históricas e não biológicas e o sujeito adere à identidade em diversos contextos. É nesta perspectiva que Hall (2006) abandona a visão essencialista e unificada do sujeito, endereçando a discussão para a identidade como um processo complexo, móvel, dinâmico, performático, contraditório, marcado por conflitos e relações de poder.

Para Hall (2000), a identidade não é algo estático e imutável e o indivíduo, desde a infância, é introduzido num universo cultural onde as interações com seu grupo de origem determinarão a consciência de si.

Os estudos têm apontado que as identidades não são essências que emergem de um eu verdadeiro e único, mas algo que é formado culturalmente, por meio de investimentos simbólicos pelos quais elas se afirmam e se negociam. “Isso significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas” (HALL, 1996, p.8). Percebe-se, dessa maneira, o papel central atribuído à cultura na constituição da subjetividade e, por conseguinte, da própria identidade.

Diante das contribuições de Hall, nos resta afirmar que discutir identidade e Capoeira sem antes discutir a cultura seria um equívoco, considerando que é no contexto da cultura que se dão os processos de construção das identidades.

“A Cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia àquilo que de melhor havia sido produzido; universal porque se referia à humanidade, um conceito totalizante, sem exterioridade” (VEIGA-NETO, 2003, p7.). Nesse sentido, de acordo com Veiga-Neto (2003), a Modernidade esteve por longo tempo mergulhada numa epistemologia da monocultura,

Desde que no século XVIII alguns intelectuais alemães passaram a chamar de Kultur a sua própria contribuição para a humanidade, em termos de maneiras de estar no mundo, de produzir e apreciar obras de arte e literatura, de pensar e organizar sistemas religiosos e filosóficos – especialmente todo aquele conjunto de coisas que eles consideravam superiores e que os diferenciava do resto do mundo –, a Cultura passou a ser escrita com letra maiúscula e no singular. Maiúscula porque era vista ocupando um status

muito elevado; no singular porque era entendida como única. E se era elevada e única, foi logo tomada como modelo a ser atingido pelas outras sociedades. (VEIGA-NETO, 2003 p.3).

De acordo com o autor supracitado é daí que nasce também o conceito de “alta cultura” e “baixa cultura”, logo, alta cultura refere-se aqueles homens cultivados que já haviam alcançado o mais alto nível da cultura, enquanto baixa cultura representava a cultura daqueles menos cultivados que ainda não haviam alcançado tal nível. É dessas concepções que nasce também algumas expressões como: “fulano é culto”, “esse grupo tem uma cultura superiores aquele outro” ou “nosso problema é a falta de cultura” (VEIGA-NETO, 2003). Logo percebemos que a cultura acessada pelas elites passou ser vista como padrão a ser seguido e a cultura acessada pelas camadas populares, pelo povo, era visto como algo inferior. Por muito tempo essas ideias alimentou o entendimento de cultura.

Segundo Veiga-Neto (2003), só nos anos 20 do século passado é que começaram a surgir as rachaduras mais sérias no conceito moderno de Cultura. Os primeiros ataques vieram da antropologia, da linguística e da filosofia; e logo parte da sociologia também começou a colocar em questão a epistemologia monocultural. Mais recentemente, acompanhamos também a inserção dos Estudos Culturais que foram particularmente eficientes no sentido de desconstruir – ou, às vezes, no sentido até de detonar – o conceito moderno e nos mostrar a produtividade de entendermos que é melhor falarmos de culturas em vez de falarmos em Cultura (COSTA, 2000). Nesse contexto percebemos que há disputas no conceito de cultura, e que há forças que atuam para imposição de significados e pela dominação material e simbólica. Consideramos que a cultura é mais profunda que as ações. Nas ações e manifestações a cultura está representada (festas, danças, culinárias, costumes, vestuário e outros); a cultura está para além disso, a cultura é algo criado socialmente, com diferentes perspectivas dado ao contexto, (para civilizar, para moldar, para classificar, etc.).

Nesse sentido, refletindo acerca da história da capoeira que passou de crime constitucional a patrimônio cultural do Brasil e hoje é um dos símbolos representativos da identidade nacional brasileira. Mas para se alcançar esse patamar ela passou por todo um processo de tensões e embates até sua ascensão, afinal a capoeira é oriunda da experiência sociocultural de africanos e seus descendentes no Brasil. “Conta em sua trajetória histórica a força da resistência contra a escravidão e a síntese da expressão de diversas identidades étnicas de origem africana” (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p.43). No entanto mesmo tendo alcançado visibilidade, a capoeira ainda é muito divulgada como dança/luta esvaziada de seu contexto histórico e pouco se discute, sobretudo nas mídias, o percurso de luta que seus

praticantes vivenciaram para atingir o tão aclamado reconhecimento da prática como patrimônio cultural brasileiro.

Por isso a sua ênfase nos processos de representação e identificação que nos levam a construir uma identidade própria, ou de busca-la em uma coletividade. Nesse mesmo sentido entendemos que a construção das identidades, aparecem como uma forma de expressar os múltiplos processos de mudanças sociais que ocorrem na sociedade, os quais organizam os atores e influenciam suas relações. Silva (2000) diz:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer o que somos significa também dizer o que não somos. A identidade e a diferença se traduzem, assim, declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem é incluído e quem está excluído. Afirmar identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora (SILVA, 2000, p. 82).

Desde a segunda metade do século XIX a presença do negro era vista como uma influência negativa para a constituição da nação brasileira. Nesse sentido a compreensão de toda trajetória da forma como ocorreu a formação da identidade nacional do Brasil, veremos que aí se encontra projetos racialistas e racistas que permearam os bastidores intelectuais e políticos no Brasil, desde a segunda metade do século XIX (OLIVEIRA; LEAL, 2009). O estado fundamentava medidas políticas que visavam ao embranquecimento da população brasileira no menor tempo possível. Segundo Oliveira e Leal (2009): “Entre tais medidas, destacam-se as diversas campanhas em favor da migração Europeia para o país e a violenta repressão às práticas culturais de matriz africana em favor de modelos culturais europeus (OLIVEIRA; LEAL 2009, p.47)”.

E continuam:

É justamente nesta segunda medida, confirmadora do projeto de embranquecimento cultural do Brasil, que podemos encontrar a experiência da capoeira como uma resistência negra relacionada à formação da identidade nacional e, por conseguinte, como patrimônio cultural brasileiro (OLIVEIRA e LEAL, 2009 p.48).

A história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural sofreram em sua relação com o Estado brasileiro. Como vimos na trajetória histórica da capoeira mudança de significado, pois a capoeira torna-se um esporte, isso reflete tentativas de manipulação política. Por consequência, muitas dessas mudanças acabaram colaborando para transformar a capoeira em objeto de consumo, via folclorização, ou atração turística, mostrando com essa relação que capoeira também é disputa de poder, disputas ideológicas, e que cabe muita crítica na

atualidade do processo de mercantilização internacional, que muitas vezes faz com que o desejo de aquisição financeira se sobrepõe a história e às características lúdicas da capoeira.

Na atualidade existem novas roupagens que a capoeira tem ganho, apresentando novas tendências como é o caso da capoeira contemporânea que defendem a capoeira como forma única e tentam unir capoeira angola e regional. Percebemos assim que a experiência social da capoeira está em processo de constante reinvenção de acordo com cada momento histórico, no entanto até que ponto essas novas tendências contribuem para preservação e valorização da capoeira origem, até que ponto elas não descaracterizam a tradição da capoeira, entre tantas outras questões.

O professor e antropólogo Munanga (1994), ao falar sobre identidade, destaca que:

[...] a identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA 1994, p. 177-178).

Como já vimos anteriormente a identidade não é algo pronto e acabado, mas um processo contínuo que envolve diversos aspectos. No entanto observamos que o ser humano assume características, valores, modos de ser e agir que quase sempre tem a ver com sua formação familiar, religiosa, sistema educacional, vivência comunitária e social. Para o ser humano não é natural viver isolado, ele busca sempre a identificação com um determinado grupo social. Nesse sentido devemos considerar que:

[...] é natural do ser humano a busca pela identificação de um grupo social, o indivíduo recorre a lembranças de lugares e objetos, presentes nas memórias e assim organiza seus referenciais identitários, pois a identidade é percebida, captada e construída e está em permanente transformação. (PRANDI, 2000, p.50).

Para reforçar o pensamento de Prandi (2000), Gomes (2005) afirma que a identidade não é algo inato, ela se refere ao modo em que o indivíduo se relaciona com o outro e com o mundo. É um fator importante na criação de referências culturais dos grupos sociais. “Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares referências civilizatórias que marcam a condição humana”. (GOMES 2005, p.41).

#### 4.2 IDENTIDADE NEGRA ( POVO NEGRO, POPULAÇÃO NEGRA ETNIAS NEGRAS )

Certamente todos nós já nos perguntamos um dia como se formou a nação brasileira. Essa é uma temática que permanece em constante discussão, estudos, consensos e discordâncias. Queremos aqui refletir sobre a concepção mais “usual” a qual afirma que a origem do povo brasileiro vem da mistura de diferentes etnias raciais, constituído através do relacionamento de três civilizações: indígenas, africanas e europeias

A partir da aceitação do conceito denominado miscigenação como formação da ascendência da nação Brasileira podemos então tecer: porque as condições de vida não são iguais para os três povos que constituíram essa nação? Porque o povo negro sofre tanto preconceito?

De acordo com a interpretação do Movimento Negro e de estudiosos do campo das relações raciais no Brasil, raça é entendida, aqui como uma construção social e histórica. Ela é compreendida também no seu sentido político como uma re-significação do termo construída na luta política pela superação do racismo na sociedade brasileira. Neste sentido refere –se ao reconhecimento de uma diferença que nos remete a uma ancestralidade negra e africana trata- se, portanto, de uma forma de classificação social construída nas relações sociais, culturais e políticas brasileiras. (MUNANGA apud GOMES, 2005 p. 98).

Analisando a relação entre os povos brasileiros durante vários séculos perceberemos que o Brasil, embora seja *considerado um país miscigenado*, é marcado pelo intenso poder do processo de branqueamento, e que os povos indígenas e os povos negros foram, desde o início, os que mais sofreram, submetidos a drásticas mudanças culturais, linguística, religiosa e de certa forma à negação obrigatória da sua própria identidade, o que reflete até os dias de hoje.

O Brasil teve sua história marcada por um processo de colonização baseada no regime escravocrata, que se fez presente em nosso país por mais de três séculos. Essa triste conjuntura deixou para a nossa sociedade Brasileira uma triste “herança”: o racismo. Esse elemento, que trouxe para a população negra uma invisibilidade e a colocou à margem da sociedade, assim “contribuindo para o desenvolvimento de um sentimento de inferioridade e de negação da sua cor. O que influencia diretamente na formação da sua identidade” (SILVA; RIBEIRO, 2015, p.1).

Pensando na construção das identidades étnico-raciais, há uma vasta literatura que destaca o olhar para as práticas de exclusão e as históricas dificuldades que os indivíduos negros enfrentam no que concerne à garantia de direitos e principalmente à construção e afirmação positiva de suas subjetividades. Considerando que a identidade não está associada apenas à questão cultural, ela envolve os aspectos sociais, políticos e históricos, como também os fenótipos em cada sociedade.

De acordo com Munanga (apud GOMES, 2005) a identidade é construída por aspectos internos e externos, ou seja, há a auto definição e a identidade atribuída. Entretanto, a construção da identidade racial envolve outros níveis, como o sócio político e histórico em cada sociedade. Dessa maneira:

Construir uma identidade negra de forma positiva em uma sociedade que nos apresenta uma história deturpada, cheia de negações e nos ensina, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, tem sido um desafio enfrentado pelos negros brasileiros. (GOMES, 2005, p.43).

O Brasil em relação a outras nações americanas, foi o país a escravizar o maior número de africanos e foi o último país do mundo cristão a abolir a escravidão, em 1888 (FERREIRA, 2009), Esse processo de escravidão marcou a história do Brasil que ao longo dos tempos negou o elemento negro da construção da identidade cultural do país delegando ao povo negro um lugar de inferioridade, humilhações, preconceitos, desigualdades sociais e racismo.

Para Ferreira (2009, p.40):

O homem de origem africana e seus valores foram sistematicamente associados a qualidades negativas pelo europeu, já antes mesmo do “descobrimento” do Brasil e do processo de colonização. Nesse sentido a identidade da pessoa negra traz do passado a negação da tradição africana, a condição de escravo e o estigma de ser um objeto de uso como instrumento de trabalho.

O homem de origem africana e seus valores foram sistematicamente associados a qualidades negativas pelo europeu, já antes mesmo do “descobrimento” do Brasil e do processo de colonização (FERREIRA, 2009). Diante de tais constatações reconstruir uma nova forma de contar e viver a história do povo negro, para além da história do período escravocrata é um desafio para escolas e instituições, e a sociedade em geral.

Gomes (2002) afirma que,

Tanto a identidade pessoal quanto a identidade social derivada são formadas em diálogo. São relações estabelecidas com o outro. É nesse sentido que entendo a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo. (GOMES, 2002, p. 39).

Sendo o Brasil um dos últimos países a acabar com a o sistema escravocrata esse passou a ser criticado internacionalmente e “[...] entre 1900 e 1950, o Brasil cultivou, com sucesso, uma imagem de si mesmo a primeira “democracia racial” do mundo, sendo a convivência entre brancos e negros descrito como harmoniosa e igualitária”). O mito da democracia racial no Brasil nada mais fez além de encobrir o preconceito e tornar mais difícil

o combate efetivo da justiça para com os indivíduos e grupos étnico-racial diversos do branco-europeu (FEREIRA, 2009).

Ao longo de algumas décadas a falsa ideia da democracia racial, entendida por muitos como o “racismo à brasileira” (DOMINGUES, 2005), prosperou na nação brasileira e de forma camuflada a população negra sofre com os piores índices de analfabetismo, violência, desemprego, falta de moradia ou moradias improprias, entre outras mazelas sociais.

Até surgir, como resultado da luta do povo negro o movimento denominado Movimento Negro Brasileiro, que passou a explicitar a real situação do povo negro no Brasil, na perspectiva de compreender que a identidade do negro só poderia ser visibilizada, a ponto de ser confrontada, com a identidade imposta do ideário branco-centrico e cristã, através das denúncias feitas ao Estado, passou a criar suas pautas de reivindicações com medidas e ações afirmativas em todos os setores da sociedade (SILVA; RIBEIRO, 2015, p.6).

Considerando que na história do nosso país a abolição da escravatura não representou necessariamente mudança de vida para o povo negro. Pois mesmo um ano após a abolição da escravatura e com a proclamada da República do Brasil no ano de 1889, com o novo sistema político, entretanto, não assegurou profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra, pois outras formas de escravidão se sustentaram e se mantem até os dias atuais, principalmente pela escassas políticas de inserção desses sujeitos na sociedade.

Por muito tempo no Brasil a população negra não apresentava em formas numérica ser maioria no nosso país, uma vez que se auto declarar negro era sinal de vergonha, inferioridade, constrangimento, então buscou-se classificar o negro com tantas outras nomenclaturas para fugir da afirmação enquanto negro, (pardo, moreno, bronzeado, cor de jabuticaba e etc.). Com o passar dos anos as pautas e reflexões do Movimento Negro conseguiram conquistar algumas políticas públicas afirmativas que vem colaborando para mudar essa realidade do nosso país, de negação da sua cor.

O Brasil tem segundo dados do censo demográfico (2010) uma população que se autodeclaram negros de 96.795.294 milhões, o que corresponde a 50,7% da população do país, ou seja, mais da metade da população brasileira é de negros. No entanto nem sempre essa foi a realidade em termos de índices. Como podemos observar com a tabela abaixo:

**TABELA 1 – BRASIL - POPULAÇÃO RESIDENTE POR COR OU RAÇA (2000 E 2010)**

	<b>2000</b>	<b>2010</b>
<b>Branco</b>	91.298.042	91.051.646
<b>Negro</b>	75.872.428	96.795.294

<b>Outros</b>	2.702.385	2.908.859
	<b>169.872.855</b>	<b>190.755.799</b>

Fonte: IBGE (2010).

A Tabela 1, com dados apresentados pelo censo demográfico (2010), mostra que a população que se autodeclara negra cresceu e que houve uma redução da população que se autodeclararam branca, comparados os números de 2000 a 2010. Consideramos que esse crescimento da população negra em 2010 não faz referência ao aumento da taxa de fecundidade entre a população negra, mas certamente as políticas sociais e educacionais que tem colaborado para que as pessoas não tenham mais constrangimento nem temor em se autodeclarar negras, mas tenham a coragem de assumir sua identidade negra.

#### 4.3 PRECONCEITO RACIAL, DISCRIMINAÇÃO E RACISMO

Para a compreensão da temática, identidade negra no Brasil surgem outros conceitos relevantes no decorrer do presente trabalho, como: discriminação, preconceito racial e racismo. Segundo Ferreira (2000, p.51.)

A discriminação de cor é a manifestação comportamental do preconceito racial, aqui considerado como um julgamento de valores, não espontâneo nem hereditária, construído culturalmente e destituído de base objetivo, pertencendo a classe de mitos desenvolvidos através da socialização. Ferreira (2000, p.51.)

Já o preconceito racial, teria sido criado da interação entre dois grupos, um representando a classe política e economicamente dominante que assumiu uma concepção de mundo considerada superior e estigmatizou o outro grupo, neste caso o grupo dos não branco, caracterizando-o como de qualidade inferior, crenças que passam a ter a função de justificar a dominação sobre ele (FERREIRA, 2009).

No Brasil o preconceito é camuflado em forma de democracia, quando na verdade os preconceitos raciais se mantem em forma de racismo, subjugando a população negra como um povo inferior, incapaz. Se fizermos uma análise detalhada veremos que democracia e igualdade racial está aquém. Dessa forma nossa sociedade vai permanecendo marcada pela diferença de oportunidades entre pessoas brancas e negras, sendo que o povo negro em sua grande maioria vive em condições de pobreza e indigência.

O racismo é descrito pela UNESCO no seu artigo da Declaração sobre Raça e Preconceito Racial da seguinte forma:

O racismo engloba as ideologias racistas, as atitudes fundadas nos preconceitos raciais, os comportamentos discriminatórios, as disposições estruturais e as práticas institucionalizadas que a provocam a desigualdade racial, assim como a falsa ideia, de que as relações discriminatórias, entre

grupos são moral e cientificamente justificáveis; manifesta-se por meio de disposição legislativas ou regulamentarias e sociais; cria obstáculos ao desenvolvimento de suas vítimas, perverte a quem o opõe em pratica, divide as nações em seu próprio seio, constitui um obstáculo para a cooperação internacional e cria tensões políticas entre os povos.; é contrário aos princípios fundamentais ao direito internacional e, por conseguinte, perturba gravemente a paz e a segurança internacionais. (UNESCO,1978).

O racismo é histórico e como descreve a UNESCO engloba as ideologias racista que acreditam na superioridade de uma cor em relação a outra. O racismo cria diversos obstáculos ao desenvolvimento de quem é atingido por essa pratica, que causa sobretudo o sentimento de inferioridade. O racismo atinge a autoestima das pessoas que não conseguem perceber-se como pessoa dotada de inteligência, capacidades, beleza, mas muitas delas passam a vivenciar uma situação de “aceitação do racismo”. Como se todos os estereótipos e preconceitos em torno da população negra fosse verdadeira, e não meras construções sociais.

É chocante pensar em um país que tem maioria de sua população de negros e mesmo assim o racismo é pratica no dia a dia, reforçando as ideologias racistas, sejam por meio da escola, das igrejas, no sistema de justiça, nos postos de trabalho, nas universidades, na sociedade em geral configurando racismo estrutural.

As práticas racistas não são recentes, ou seja, ela surge no processo de colonização dos continentes asiáticos, americano e africano (PEREIRA, 1978) e vem se reproduzindo de geração para geração. O negro na nossa sociedade é duplamente discriminado, pela cor da sua pele e por sua situação socioeconômica.

Dados que apontam que as políticas públicas têm sido ineficientes para mudar esse quadro e transformar a vida da população negra, que não busca competição entre cor, mas almejam uma vida com mais dignidade, oportunidade de acesso aos bens construídos socialmente, igualdade de justiça, etc.

Segundo Munanga:

O racismo não nasceu de uma hora para outra. Ele é fruto de um longo processo de amadurecimento, que objetivou a mão-de-obra barata através da exploração dos povos colonizados. Exploração que gerava riqueza e poder, sem nenhum custo-extra para o branco colonizador e opressor. Aos poucos o racismo foi surgindo e se consolidando, assim como toda cultura popular, por exemplo, sobrevive aos tempos porque ela é transmitida através de gerações, aconteceu e acontece também com o racismo. E sendo o racismo um fenômeno ideológico, ele se consolida através dos preconceitos, discriminações e estereótipos. Desta base ideológica de sobrevivência é que podemos perceber que o racismo tem sobrevivido e foi se fortalecendo através das épocas, alcançando, comunidades, escolas, salas de aula e tantos outros lugares. (MUNANGA, 2005, p.42).

Para Munanga (2005), o racismo é um fenômeno ideológico, por isso ele tem se consolidado em nossa sociedade e tem alcançado também as nossas escolas, nossas salas de aula e tantos outros lugares em que as ideias são instrumentos relacionais. Em consonância com Munanga, para começarmos a lutar contra o racismo é preciso encarar o racismo como realidade que tem uma dimensão histórica e atual. É preciso juntar nossas forças na luta por políticas públicas que contribuam para a acessão da população negra.

Atitudes de negação da representatividade de determinada identidade nas instituições escolares e demais espaços públicos demonstram o racismo institucional, como é o caso da ausência de literaturas africanas e afro-brasileiras na escola, que retratem as diversas formas de vida do povo negro. Nogueira (2002) diz que:

O racismo institucional e o estrutural se inter-relacionam nas práticas sociais presentes entre os indivíduos, grupos e categorias, nos mais diversos espaços. Portanto, exigem ações públicas legais, educação e formação persuasivas como forma de combate-las (NOGUEIRA, 2002, p.55).

Diante de toda essa discussão sobre identidade e identidade negra observamos que mais de um século já se passaram desde a abolição da escravatura em nosso país, e que mesmo assim, construir uma identidade negra de forma positiva no Brasil ainda é um grande desafio, pois na realidade pouco mudou em relação à situação do negro na sociedade brasileira.

O combate ao racismo ainda é um desafio para o estado e as entidades não governamentais, e devemos entender que o racismo não se supera através da criação de leis, ainda que essas sejam essenciais, é necessário maior investimento através da educação, pensando novas formas de currículo, ideologias, metodologias, organização do trabalho pedagógico desde a primeira infância, com atitudes que favoreçam a superação do preconceito nas relações humanas.

A capoeira é uma identidade cultural herdada no Brasil, dos ancestrais como resistência a opressão da classe dominante. Hall (2008) afirma que a cultura popular tem sempre sua base *em experiência de trazer memórias e tradições do povo*. A capoeira é constituinte da experiência de resistência negra e se mantém viva. Essa resistência, *resultado de políticas culturais da diferença de luta em torno da diferença da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos na cena política cultural* se amplia através da implicação prática da capoeira na identidade dos sujeitos. Nesse processo o indivíduo pode compreender toda sua história tendo uma visão de afirmação positiva, consequentemente fazendo uma afirmação de sua identidade negra.

Compreender os conceitos é importante para entender a origem filosófica do tema e, sua trajetória. Compreendendo essa trajetória é possível enxergar as dificuldades passadas pelo povo negro para se afirmar, através da capoeira que é um símbolo de resistência e reconhecendo sua identidade.

## **5 PERCURSO METODOLÓGICO E NATUREZA DA PESQUISA**

Nesta sessão abordaremos os procedimentos metodológicos que delinearão essa pesquisa de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. A pesquisa “[...] é responsável pelo avanço da ciência e é um elemento essencial na formação de todo e qualquer profissional, sobretudo do professor” (BARRETO, 2008, p.107). Desenvolver uma pesquisa na área da educação é uma responsabilidade muito grande, no sentido que a pesquisa científica contribui e influencia através de seus resultados para uma série de mudanças no comportamento e nas relações entre os seres humanos.

Os professores devem fazer da pesquisa um hábito, levando em consideração que a sala de aula, a comunidade em que a escola está inserida, as políticas educacionais, a cultura, os problemas cotidianos, entre outros, são verdadeiros laboratórios. Em que as profissionais precisam se apropriar dos métodos científicos para transformar suas percepções em pesquisas científicas.

No entanto como apresentado nessa pesquisa, há outros espaços fora do ambiente escolar, que também são fontes de conhecimento e de possibilidades de práticas educativas, que também devem ser vistos como ambientes a serem analisados e investigados. Atentamos para a necessidade de compreender como os espaços não-formais podem contribuir com a formação crítica e cidadã, com a emancipação dos sujeitos, com práticas coletivas que reforçam uma série de valores fundamentais para as relações humanas, entre outras.

Em toda e qualquer pesquisa acadêmica, seja através da abordagem quantitativa ou qualitativa a definição da metodologia é parte essencial, uma vez que a mesma orienta o caminho da pesquisa. Nesse sentido, Minayo (2007, p. 44) define metodologia da seguinte forma:

[...] a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

Compreendendo a metodologia como processo fundamental na pesquisa científica, buscamos utilizar de métodos e técnicas capazes de corresponder com a qualidade e eficácia da presente pesquisa. Sendo assim, o trabalho foi desenvolvido na perspectiva da pesquisa qualitativa, que segundo Minayo (1994, p. 21) “[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”.

Nesse sentido a pesquisa qualitativa é considerada por Bogdan e Biklen (1994, p. 16) como:

[...] a expressão investigação qualitativa é um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Tais características fundamentam-se no princípio da flexibilidade, isto é, permitem usar variada gama de instrumentos e reconhecem a variedade de situações que contribuem para aumentar nosso conhecimento sobre o objeto de pesquisa.

A pesquisa qualitativa é mais utilizada nas ciências sociais, aplicada inicialmente na antropologia e sociologia, mas foi com o tempo alargando seu campo de atuação e hoje predomina em áreas como educação e psicologia. A pesquisa qualitativa surgiu em contrapartida a pesquisa quantitativa, sendo que a pesquisa qualitativa não tem como ênfase a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. Preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados.

O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2007, p.57).

Percebe-se através dos autores citados anteriormente que as abordagens qualitativas são mais adequadas a investigações científicas de grupos, até mesmo pela flexibilidade que esse tipo de pesquisa permite, a fim de aumentar o conhecimento sobre o objeto de estudo. Sendo assim de fato esse método é o que mais apresenta possibilidades de responder as questões da presente pesquisa.

Como estratégia metodológica para realização da pesquisa optamos pelo estudo de caso, realizado junto a Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe. O estudo de caso é uma metodologia de pesquisa muito utilizada no âmbito das ciências sociais por sua flexibilidade de adaptar-se a diferentes contextos (Yin, 2001). Essa metodologia se propõe a estudar um caso específico e durante seu percurso de coleta de dados deve seguir com rigor seus pressupostos para que esse caso se torne científico. O estudo de caso vem sendo situado por vários segmentos e com diferentes finalidades.

Conforme Yin (2015), o estudo de caso está dividido em três diferentes tipos, que são: estudos exploratórios, estudos descritivos e estudos explanatórios. Na pesquisa adotamos o tipo de estudo descritivo, pois esse tipo apresenta a sequência de eventos ao longo do tempo, descrevendo só fenômenos com detalhes e riqueza de informações.

O estudo de caso deve ser aplicado em tempo e rigor necessário afim que seja organizado de forma coerente em uma estruturação de coesão. As informações coletadas devem estar claras e objetivas em uma estruturação científica problematizando os enunciados a afim da compreensão do fato que se pretende conhecer.

De acordo com André (2005), o desenvolvimento do estudo de caso realiza-se em três fases, sendo elas: a fase exploratória que corresponde o momento em que o pesquisador entra em contato com a situação a ser investigada pra definir o caso, confirmar ou não as questões iniciais, estabelecer os contatos, localizar os sujeitos e definir os procedimentos e instrumentos de coleta de dados; a fase de coleta dos dados ou de delimitação do estudo e a fase de análise sistemática dos dados, traçadas como linhas gerais para condução desse tipo de pesquisa, podendo ser em algum momento conjugada uma ou mais fase, ou até mesmo sobrepor em outros, variando de acordo com a necessidade e criatividade surgidas no desenrolar da pesquisa.

A presente pesquisa buscou seguir todo um rigor necessário, com o intuito de tornar o estudo um caso em profundidade desde a produção de dados, por isso foram utilizadas técnicas para facilitar a aproximação do objeto de estudo, afim de compreender como o trabalho desenvolvido no grupo de capoeira Axé Bahia de Mutuípe (ACABM) implica para reconhecimento da identidade negra e afirmação de seus integrantes.

Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico, a fim de conhecer os estudos já elaborados sobre o tema, as ideias dos autores bem como seus posicionamentos críticos sobre a temática em questão. Segundo Ruiz (1996) , “[...] a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo indispensável, senão em todas, ao menos na maioria das modalidades de pesquisa”. A partir dessa etapa inicial foi possível ter uma visão ampla da temática, para nos aproximar do local, conhecendo as contradições e possibilidades que envolve a Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe, quanto sua contribuição para a formação da identidade negra de seus integrantes.

As técnicas utilizadas na pesquisa para levantamento de dados consistiram em: observação participante, entrevista semi-estruturada, aplicação de questionário. A partir da fundamentação teórica da pesquisa, foram realizadas algumas observações, utilizando de critérios e informações ligada ao objeto de estudo. A observação ocorreu durante todo o

processo de pesquisa de 2016 a 2018, em que as visitas foram previamente agendadas e comunicadas às pessoas responsáveis. E foram observados aspectos como, organização do grupo, participação dos integrantes, espaço de encontros, diálogos nos momentos de treino, atmosfera do grupo, entre outros aspectos, todos registrados em um caderno de campo. Nesta observação foi possível, perceber que as aulas são bastante práticas, em nenhum momento houve diálogo, sobre os momentos históricos, inicialmente temos um aquecimento bem intenso, seguido dos movimentos da capoeira, há uma conversa onde os que estão na frente enfatiza questões como companheirismo, disciplina, agilidade e informações adicionais, finalizando com uma oração, outros dias esporadicamente treino com os instrumentos, ressaltando que há uma exceção, com um professor onde pode-se observar que em um momento de sua aula, tem o momento onde as crianças dialogam sobre esses momentos históricos (acontecimentos sobre a capoeira que vem) através das músicas, nomes e significados, pois nas músicas que são explicados momentos que não foram queimados.

Considerando que a observação nos permite uma compreensão dos fatos ocorridos no ambiente da pesquisa no momento real, Bogdan e Biklen (1994, p.48) afirmam que:

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem.

A observação é uma técnica de produção de dados utilizada para observar um fato, mas não apenas observar por observar, é necessário que seja feita um roteiro de observação em torno do objeto em estudo, pois uma situação pode ser vista e interpretada, de diferentes maneiras, isso está relacionado às vivências culturais de cada observador.

A observação foi realizada a fim de obter informações para responder ao objetivo da pesquisa, buscando desenvolver um olhar que capturasse aspectos não verbais e atitudinais, que muitas vezes se encontram na vivência do grupo, nos comportamentos, nos olhares, nas relações. Assim se fez uma observação participante, que segundo Lukde (1986, p.5 apud DENZIN, 1978, p. 183), a observação participante é "uma estratégia de campo que combina simultaneamente a análise documental, a entrevista de respondentes e informantes, a participação e a observação direta e a introspecção", pois o grupo pesquisado é o grupo que o pesquisador faz parte.

Em um dos momentos de observação participante foi aplicado um questionário previamente elaborado, contendo questões abertas e de assinalar, com questões referentes ao

objeto de estudo e os sujeitos da pesquisa (caracterização). Após a aplicação os dados do questionário foram tabulados para serem usados em fase posterior da pesquisa.

Na pesquisa recorreremos também a entrevista, pois essa é uma das formas de coleta de dados mais importantes e usual em um estudo de caso, optando pela entrevista do tipo semiestruturada, pois “[...] o caráter flexível desse tipo de abordagem permite aos sujeitos responder de acordo com suas perspectivas pessoais, em vez de ter de se moldar a questões previamente elaboradas” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.17). A entrevista semiestruturada foi elaborada a partir de um roteiro contendo questões abertas, com a possibilidade de incluir perguntas adicionais ao longo do desenvolvimento da entrevista, na medida em que se percebeu a necessidade de aprofundar mais alguns aspectos.

A entrevista semiestruturada permitiu aos entrevistados expressarem seus sentimentos em relação ao tema de pesquisa de forma mais flexível. Através de uma interação entre entrevistador e entrevistado, em um sentido de troca muito positivo, pois embora alguns entrevistados demonstraram um pouco de nervosismo, no decorrer do diálogo todos puderam se sentir à vontade para responder as questões, pensar e refazer suas respostas quando acharam necessário.

Em relação a importância da entrevista em uma pesquisa qualitativa, Fraser e Gondin (2004, p. 140) defendem que:

A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigação cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo.

As entrevistas com quatro sujeitos, em ambientes onde os mesmos escolheram, logo suas casas, em dias distintos, onde cada um escolheu o horário. Utilizamos nomes fictícios para garantir sigilo dos participantes e resguardar os princípios éticos na pesquisa. O tempo de duração da gravação foi variada, no entanto a primeira entrevista realizada com *Guerreira* no dia 09 de julho de 2018 as 17 horas, teve uma duração aproximada de trinta e seis minutos, e nos proporcionou uma entrevista com bastante riqueza de detalhe e por isso a mais longa, essa entrevistada, teve uma preocupação em está com o roteiro da entrevista bem antecipado, para que a mesma pudesse pesquisar o eu não soubesse responder. O segundo entrevistado foi *São Bento*, no dia 10 de julho de 2018 as 21 horas, que respondeu tranquilamente às perguntas em aproximadamente vinte e quatro minutos. Contudo, *Benguela*, nos deu uma no dia 13 de julho de 2018, as 10 horas, a entrevista mais sucinta de seis minutos, no entanto o mesmo respondeu apenas as perguntas que achou pertinente, deixando algumas em aberto. O último entrevistado foi o *Meia Lua*, nos deu uma entrevista no dia 14 de julho de 2018, que

inicialmente apresentava está bastante calmo, mas com decorrer do da entrevista ficou bastante nervoso, respondendo também apenas as perguntas que lhe contemplasse, sua entrevista ocorreu em um tempo de doze minutos, ressaltando que as perguntas foram previamente disponibilizadas para cada um, pois os mesmos queriam ler para saberem do que se tratavam as perguntas. Essas entrevistas foram gravadas em MP3, transcritas e analisadas.

Como técnica na produção utilizamos a análise de conteúdo na pesquisa qualitativa. Essa técnica requer um trato rigoroso, pois, os dados coletados não vão ser quantificados e analisados em todo o contexto, o verbal e não verbal, ou seja, uma leitura e fatores em torno do objeto, uma complexidade de compreensão de análise, compreendemos as implicações recorrente a análise de dados é:

Análise dos dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações as transcrições de entrevistas, as análise de documento e as demais informações disponíveis (ANDRÉ; LUDKE, 1986).

Organizar os dados produzidos durante a investigação é um passo muito importante e essencial categorizar para que se perceba as dimensões que mais aparece, mas essa análise, não se dá apenas na dimensão da produção de dados mas sim em todo o processo. Análise está presente em vários estágios da investigação (ANDRÉ; LUDKE, 1986).

Os dados da presente pesquisa produzidos a partir das entrevistas e das observações junto ao grupo de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas, e a apresentação das análises ocorrerá a partir das falas dos participantes e confrontadas com os estudos produzidos por alguns autores sobre a temática. Os dados, portanto, estarão expostos em forma de texto, com as falas dos entrevistados e para melhor entendimento dos resultados recorreremos a amostragem também a apresentação através de tabelas.

## 5.1 CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO, DO LUGAR E DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para se ter um diagnóstico reflexivo que represente a realidade dos entrevistados, toda análise foi com base nas informações obtidas nas observações questionários e entrevistas desta forma buscaremos compreender como o trabalho desenvolvido pelo grupo implica para reconhecimento da identidade negra.

Os sujeitos da pesquisa são integrantes da associação de Capoeira Axé Bahia, situada no município de Mutuípe – BA.



força da Lei n.º 175, foi criada a Comarca de Mutuípe, que compreende o Município de mesmo nome.

Em termos da pesquisa, não há registro oficial dos primeiros indícios da capoeira no município de Mutuípe, sabe-se a partir de fontes orais que há mais ou menos quatro décadas a presença desta prática já era significativa no município. Os mestres, conhecidos como irmãos “Petelecos” foram um dos principais pioneiros da capoeira no município. No início os Petelecos ainda não eram mestres tinham poucos conhecimentos sobre esta prática, mas já eram apaixonados pela capoeira, os irmãos por vezes participavam de eventos em outros municípios do Vale do Jiquiriçá e recôncavo Baiano onde a capoeira já era consolidada, afim de receber novos conhecimentos e aperfeiçoamento enquanto capoeira. Com o passar dos anos a capoeira foi sendo consolidada, se tornando pouco a pouco uma pratica cada dia mais procurada, principalmente pelas camadas populares da nossa sociedade. Depois de se tornarem professor os irmãos ‘Petelecos’ começaram a formar grupos para passar a pratica da capoeira e posteriormente começaram a realizar eventos, rodas, e projetos no município.

Como a expansão da capoeira no município, os praticantes sentiram a necessidade de organizar o grupo, através de registro oficial, com o objetivo de ampliar ainda mais esta prática do esporte no município de Mutuípe. Fundando-se então a Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe, sendo registrada no dia 05 de março de 2007, pelos irmãos Edenilson Barbosa Souza e Evanilson Barbosa Souza, mais conhecidos como “irmãos Petelecos”. Na época os mesmos tinham uma graduação de professor, graduado por Mestre José Carlos Pereira da Silva, popularmente conhecido como Mestre “Zé pequeno” de Santo Antônio de Jesus, Bahia”.

O registro formal da capoeira se deu a partir do referido registro no ano de 2007, no entanto, sabe-se que a capoeira em Mutuípe já existia anteriormente a esse registro, porém não era um grupo organizado formalmente. A partir do ano de 2007 com a fundação a associação passou a se qualificar para buscar projetos junto ao governo estadual, sendo o mais importante deles, o Ponto de Cultura. Desde então, o grupo vem promovendo a capoeira, a cidadania, o esporte e a qualidade de vida nos bairros da cidade e também em comunidades da zona rural de Mutuípe.

Através do projeto apresentado pela associação de capoeira Axé Bahia no ano de 2008 do ponto de cultura, a capoeira adquiriu repasse no valor de aproximadamente R\$ 150 mil sendo que este volume foi destinado a compra de instrumentos, equipamentos tecnológicos, bem como desenvolvimento de ações culturais das mais diversas, como: Ensino da capoeira e

apoio a manifestações populares como samba de roda, maculelê e dança afro... os benefícios desse projeto são inúmeros.

A seleção dos sujeitos investigados é de grande relevância devido ser um momento crucial para o resultado da pesquisa. Foram escolhidos quatro integrantes para investigação. O critério de escolha foi a participação frequente, e graduações diferentes no grupo (para não produzir dados de maneira unilateral) e a importância simbólica, sempre à frente do grupo de capoeira. Esses sujeitos são mestres, contramestre, aluna formada e monitor.

Aplicou-se um questionário para quatro integrantes da associação, onde podemos analisar um pouco sobre o contexto social e cultural em que estão inseridos. O questionário foi iniciado, com a identificação por nomes fictícios em que utilizamos nomes de toques e termos utilizados na capoeira.

**QUADRO 1 - CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA**

<b>Nome Fictício<sup>14</sup></b>	<b>Gênero</b>	<b>Cor autodeclarada</b>	<b>Tempo de Capoeira/ Gradação</b>
<b>Benguela</b>	Masculino	Pardo	23 anos
<b>São Bento</b>	Masculino	Negro	19 anos
<b>Guerreira</b>	Feminino	Negra	9 anos
<b>Meia Lua</b>	Masculino	Negro	20 anos

Fonte: elaboração própria.

**QUADRO 2 - CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA QUANTO A SUA PROFISSÃO E FORMAÇÃO**

	<b>FORMAÇÃO ESCOLAR</b>	<b>PROFISSÃO</b>
<b>Benguela</b>	Ensino Fundamental incompleto.	Despregado
<b>São Bento</b>	Superior incompleto	Porteiro
<b>Guerreira</b>	Ensino médio	Autônoma/ dona de casa
<b>Meia Lua</b>	Ensino médio	Lavrador

Fonte: elaboração própria.

O entrevistados em sua maioria do sexo masculino sendo apenas um do sexo feminino, contabilizado um tempo de permanência entre 9 a 23 anos. A escolaridade e profissão dos entrevistados é bem diferenciada, e suas respostas é explicitada de acordo com a histórico

<sup>7</sup> Utilizaremos nomes fictícios para garantir sigilo e as dimensões éticas da pesquisa.

social e cultural de cada um. Podemos analisar a tabela que, essas pessoas não utilizam da capoeira como uma renda pelo contrário eles têm uma profissão bem distante da arte,

No questionário destacamos as seguintes questões:

**QUADRO 3 – QUESTÃO AOS PARTICIPANTES: QUANDO PENSA EM CAPOEIRA?**

	<b>PALAVRAS CONSIDERADAS POSITIVAS</b>	<b>PALAVRAS CONSIDERADAS NEGATIVAS</b>
<b>Benguela</b>	Acessibilidade Alegria Compromisso Auxilio as crianças carentes	Julgamentos Falta de conhecimento da prática da capoeira. Falta de apoio dos órgão público e comunidade.
<b>São Bento</b>	Resistência Transformadora Identidade	Desvalorização Ausência de Apoio Negação
<b>Guerreira</b>	Libertação Disciplina Educação Resgate Força	Preconceito Discriminação.
<b>Meia Lua</b>	Confiança Amor ao esporte. Respeito.	Racismo, por falta de conhecimento. Falta de apoio dos órgãos publico Falta de união da comunidade capoeira ( grupos).

Fonte: elaboração própria.

Como podemos perceber de acordo com as informações da tabela, embora a Associação de capoeira tenha um trabalho de grande relevância no município de Mutuípe, de forma geral essa pratica ainda se depara com muito preconceito, sobretudo o preconceito racial. Mas como aponta São Bento e Guerreira a capoeira é sinônimo de luta e resistência e foi dessa forma que essa pratica se manteve desde o início.

Além do preconceito os entrevistados também relatam o quanto são carentes de apoio por parte do poder público e também da sociedade. Mesmo assim a vontade de fazer

permanecer vivo essa cultura é maior e os mesmos buscam apoio nos alunos e suas famílias que são grandes incentivadores nesse processo.

Outra questão elencada está presente na tabela que segue:

**QUADRO 4 – MOTIVOS QUE LEVARAM À PRÁTICA DA CAPOEIRA?**

<b>Benguela</b>	Manter uma estrutura corporal no padrão, o gosto pela prática.
<b>São Bento</b>	Quando eu vi, uma apresentação de capoeira em minha cidade me identifiquei no exato momento que vi.
<b>Guerreira</b>	Amor pelo esporte, representatividade.
<b>Meia Lua</b>	É um esporte pelo qual me identifiquei, conheci a arte através dos meus irmãos e os mesmos me incentivaram.

Fonte: elaboração própria.

Analisando os motivos que levaram os capoeiras entrevistados a se interessar por essa prática, podemos evidenciar que a maioria se encantou pela capoeira por considerá-la um esporte. Nesse sentido podemos identificar a ausência do reconhecimento da <sup>15</sup>capoeira enquanto uma prática ligada a ancestralidade. E embora alguns entrevistados afirmem que a prática é um meio de reconhecimento da identidade negra, percebe-se que a temática **étnica racial** é pouco explorada e por mais que respondam que é uma temática trabalhada no grupo de capoeira eles não conseguem expressar de que forma é a capoeira é relacionada com a identidade negra. Ao final do questionário foi solicitado, ao entrevistado registrar o que considerasse relevante e que não estivesse contemplado no questionário.

**QUADRO 5 – CONSIDERAÇÕES DOS PARTICIPANTES**

<b>Benguela</b>	Não respondido
<b>São Bento</b>	<i>A capoeira é símbolo de resistência e identidade de nosso país, para a valorização do nosso território nacional. Ela é mais que</i>

<sup>15</sup> Na presente pesquisa optamos pelo conceito de educação apresentado por Brandão (2004), para quem a educação não se caracteriza apenas por práticas de ensino institucionalizadas como aquelas existentes nas escolas, mas considera que a educação abrange todos os processos de formação dos indivíduos, de modo que, toda troca de saberes se constitui como uma prática educativa e pode se desenvolver nos mais variados ambientes sociais.

	<i>prática, o capoeirista de verdade sabe reconhecer e do valor que tem ela</i>
<b>Guerreira</b>	<i>O preconceito existente, contra a mulher que pratica a capoeira tem de ser quebrado, por que a mulher pode fazer o que quiser. Tudo com igualdade independente do sexo</i>
<b>Meia Lua</b>	<i>É preciso valorizar a cultura brasileira, principalmente a capoeira que traz a história dos nossos ancestrais. O apoio dos governantes é muito importante, beneficiária a comunidade e valorizar o trabalho dos educadores da arte da capoeira temos muito a ensinar, temos muito conhecimento adquirido durante o tempo</i>

Fonte: elaboração própria.

Ao final da entrevista ao solicitar que eles, contemplasse a entrevista, eles descarregam situações bem pertinente acerca da desvalorização da capoeira no município, pois os esforços dos coletivos mantem a prática viva no município, as origens públicas sabem da importância, porém, falta apoio. *São Bento* reconhece essa importância identitária da capoeira bem mais visivelmente do que os outros entrevistados, porém podemos analisar os dados apresentado acima que ele convive em ambientes de discussões.

*Guerreira* salienta uma questão muito relevante, a mulher na capoeira além de ser pouco discutido, e nas entrevistas podemos perceber novamente em sua fala, sua inquietação quanto a situação da mulher na capoeira pois no município é visto a capoeira apenas para homens, mas a mulher neste espaço vai muito além do charme, proporcionado, a inserção da mulher neste ambiente faz dele um ambiente mais democrático, é um exemplo de convívio que preze pela equidade e respeito, a capoeira é um importante símbolo de resistência, pode ser organizada também como elemento de combate ao patriarcado.

As mulheres de hoje em dia não se calam, vão em busca de seus ideais, desmistificando a ideia de sexo frágil. O *Meia Lua* nos retrata uma questão importante da capoeira que é a ancestralidade é o que herdamos de nossos antepassados costumes valores éticos rituais, é um ciclo eu sempre mantive vivo, mestre discípulo em um dinâmica de respeito a memória.

## 6 AXÉ BAHIA... NA GINGA ENTRE OS DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA DE SEUS INTEGRANTES

*Na capoeira tem uma música que diz assim: você não sabe o valor que a capoeira tem... você não sabe o valor que a capoeira tem... é bem como a música diz, por mais que a gente tente explicar a importância da capoeira na vida da gente, é bastante complexo, porque só quem vive a capoeira, quem tem a capoeira na veia, sabe seu valor e sabe que não pode viver sem ela.*

(Entrevista com São Bento, julho, de 2018)

A capoeira é mesmo uma prática de muito valor. Valor histórico, valor social, valor cultural. Relatar a capoeira enquanto algo indissociável da própria vida é dizer do pertencimento, de uma experiência que faz essa prática permanecer tão viva, tão presente, tão vigorosa. A capoeira através de cantos, ladainhas, rituais, expressam o saber e a história dos antepassados, esse saber é transmitido principalmente através dos mestres, que hierarquicamente.

Dizer o valor da Capoeira não é fácil assim como também defini-las em palavras. O professor (São Bento) que tem nove anos de capoeira relata que:

*Capoeira é resistência é identidade, é transformação. É resistência de muitos anos a capoeira é ancestralidade. Capoeira é saúde; capoeira é tudo isso... para mim capoeira é tudo... esse tudo é uma coisa muito complexa que envolve vários fatores, esses fatores na capoeira aparecem e aparecem em todos os lados é por isso que estou falando para vocês só quem convivem quem pratica a capoeira que sabe essa definição, que sabe seu valor. (ENTREVISTA COM SÃO BENTO, JULHO DE 2018).*

É realmente muito difícil definir a capoeira e seu valor em poucas palavras. Ela tem significados diferentes para os sujeitos de acordo com as vivências, os contextos, a ligação identitária, o pertencimento étnico a forma como a concebem dependem do objetivo específico que ela preenche na vida de cada sujeito. No entanto, de acordo com Silva (2007), a capoeira ainda se manifesta como uma força de resistência, poucos capoeiras falam da Capoeira sem explorar a sua resistência. Como podemos ver na seção que tratou da história da capoeira, essa prática surgiu em um contexto histórico que necessitou de muita resistência e luta do negro que fora escravizado, para se libertar das correntes e buscar melhores condições de vida.

Em Mutuípe há dois grupos formados de Capoeira; o grupo Axé Bahia -ACABM que tem como líder os mestres Petelecos e o Grupo Mutum com o mestre Nego Dói. Os grupos

são unidos e tem procurado manter a harmonia, sempre que desenvolvem eventos um dá apoio ao outro e assim quem sai ganhando são os envolvidos e a comunidade.

Ao buscar compreender a importância da capoeira o contramestre (Meia Lua) expressa que:

Capoeira para mim hoje é tudo, eu faço por amor e me identifico muito com ela, através dela eu ajudo a sociedade dando alua para crianças que não tem condição nenhuma. Apesar de nossos governantes não ajudarem, mesmo assim a gente não desiste está sempre correndo atrás. Então acho que a capoeira para mim é isso aí; é está valorizando a nossa cultura e eu não vou desistir tão fácil dessa cultura que faço que eu mim identifico muito (ENTREVISTA COM MEIA LUA, julho DE 2018).

Como podemos observar na fala de Meia Lua, ainda nos dias atuais a capoeira enfrenta as dificuldades da falta de atenção dos governantes, falta de incentivos para que essa prática adentre os muros das escolas e de outras instituições. Mestre e professores de capoeira dedicam muito tempo de suas vidas para transmitir os conhecimentos da capoeira, como o exemplo da ACABM, não cobram pelo seu trabalho. A capoeira em Mutuípe tem sido de grande valia impulsionando a mudança social de crianças, jovens e adultos de diversos bairros e de comunidades rurais. No entanto precisa de maior valorização e reconhecimento da sua real importância para a sociedade de forma geral.

Ao ser questionado se há valor educativo na capoeira, Benguela responde que:

Com certeza. A capoeira não se resume a gingar e saber utilizar os golpes, há uma história sobre a capoeira, essa história é relatada até mesmo em muitas músicas e ladainhas. Há também os valores, a questão da disciplina e também do respeito. Ninguém fica na Capoeira se pensar que vai agir e fazer o que bem entender, tem toda uma hierarquia e o mestre é a representação daquele que tem mais experiência. (ENTREVISTA COM BENGUELA, JULHO DE 2018).

Perceber a capoeira enquanto princípio educativo, e construir esse espaço como possibilidade de afirmação da identidade negra é muito importante para poder enfrentar as demandas sociais da atualidade, seja a questão racial, de gênero, territorial, as desigualdades. Considerando sempre que a capoeira surgiu enquanto “cultura” dos marginalizados, e essa história tem muito a nos ensinar. Como afirma Benguela a capoeira não se resume em ginga, ela se insere como uma rica ferramenta da memória da história do povo negro e da afirmação de uma identidade ligada, a luta, a resistência, a relações com a natureza, a saberes ancestrais. A capoeira não é só técnica, logo não podemos resumi-la tão somente como um esporte, a capoeira é luta, é dança, é jogo, é expressão corporal, é técnica, é arte, enfim, é cultura.

Isto, de todo modo, é o que significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas. Elas são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os

discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico (HALL, 1997, p. 8).

Ao questionar se a capoeira contribuiu para o reconhecimento da identidade, Guerreira, respondeu que: *“Com certeza, a capoeira fortaleceu isso em mim, porque eu sempre me reconheci enquanto mulher negra, mas foi a capoeira que me apresentou o negro resistente e lutador e que não desiste nunca”*. Nesse sentido consideramos que no processo de afirmação identitária, é muito importante o conhecimento de sua história, dos seus ancestrais, buscando a revalorização das culturas africanas, pois elas constituem-se em pilar essenciais para a constituição e valorização da identidade negra, pois, só conhecendo a pessoa negra será capaz de desconstruir representações negativas que alienam e as fazem negar seu próprio corpo e suas raízes étnico-raciais.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendência étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2001, p.9).

A fim de percebermos a intensidade em que se trabalha na perspectiva de afirmação da identidade negra perguntamos a Guerreira se nas atividades que a mesma desenvolve com os integrantes da capoeira se ela prioriza a inclusão de elementos da cultura negra, e a mesmo respondeu:

O tempo todo agente tenta buscar a cultura e fortalecer dentro do grupo, para além da capoeira temos o maculelê, samba de roda, aulas com os instrumentos da capoeira, mas a gente percebe que falta buscar mais conhecimento para trazer para a associação e intensificar nossas atividades (ENTREVISTA COM GUERREIRA, JULHO DE 2018).

Neste sentido, o grupo ao longo dos anos vem ganhando visibilidade e se consolidando em Mutuípe, não apenas na sede do município no campo e na cidade através de sua prática, não somente nos locais dos treinos (escolas, postos de saúde desativados, Sede de associações e outros) mas também através de apresentações nas praças, e participação em alguns eventos relacionados à apresentações culturais realizados na cidade, a exemplo da Feira Chic promovida pela igreja Católica, comemorações do dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), aniversário da cidade entre outros. Esse reconhecimento vem acontecendo mediante o esforço e empenho do grupo, para que cada vez mais a sociedade reconheça o quanto essa

ferramenta, que é símbolo de luta e resistência, continua presente ajudando a transformar as vidas daqueles que fazem da capoeira sua referência.

Como podemos observar no relato de Benguela “a Capoeira mudou minha vida, porque desde cedo eu era um menino sem muitas alternativas, e para a sociedade eu tinha tudo para desviar do caminho, mas *graças a Deus* eu encontrei a capoeira e ela me encontrou e hoje eu sou posso dizer que sou um homem respeitado”. A construção da identidade negra se dá a partir dos vetores culturais, memória produtivas e aspectos religiosos perpassado de geração a geração, com o tempo.

Com o objetivo de entender de que forma a capoeira contribui para o reconhecimento da identidade negra dos integrantes da capoeira e para os professores, a aluna formada Guerreira, considera que:

Contribui, contribui... assim já falei com algumas das minhas alunas sobre identidade Negra e muitas se afirmam Negra e tem orgulho de ser negra, mas esse é um assunto que eu ainda tenho que botar em debate que a gente tem que entrar nesse assunto e reunir para conversar e debater melhor sobre isso... a gente ainda vai sentar e conversar e eu vou ouvir as opiniões de cada uma delas, eu acredito que seja igualmente a minha porque eu sou negra e mulher e eu vou estar onde eu quiser por que mulher deve estar onde ela quiser (ENTREVISTA COM GUERREIRA, JULHO, 2018).

Através das entrevistas e das observações realizadas junto ao grupo, observa-se que as “aulas” de capoeira focaram bastante na parte prática, elementos técnicos da capoeira embora fale-se bastante na capoeira como luta criada e praticada pelos negros ainda no período da escravidão, não se tem um trabalho aprofundado da relação da capoeira com a identidade negra, não se tem momentos dedicados a formação do grupo através de rodas de saberes, bate-papo e outros. Há poucas discussões relacionadas as questões da ancestralidade, questões étnicas raciais, das desigualdades sociais provocadas pelo entrecruzamento de classe, raça, gênero e outros marcadores como territorialidade. Para Silva (2007, p. 15) “[...] a roda de capoeira é o local propício para o acontecimento do diálogo, mas isso irá depender das pessoas que a formam, do ambiente, em que estão inseridas e, principalmente, de sua vontade de instaurar, no jogo de capoeira, uma realidade dialógica”.

Nessa perspectiva, embora todos os entrevistados consideram que a capoeira contribui para a formação da identidade, e da identidade negra dos integrantes e no campo pessoal, a partir do olhar em campo e das observações participantes consideramos que há uma ausência de aprofundamento dessa historicidade, dessa perspectiva ancestral, de fazer relações das situações do contexto em que a capoeira foi criada com as realidades atuais, trazendo inclusive as reflexões das formas em que o negro ainda hoje segue marginalizado.

Nesse sentido percebemos uma contradição explícita na análise, inquietante pensar sobre as práticas que negligenciam a origem e história da capoeira, refletimos sobre a necessidade de maior aprofundamento e cuidado. A prática pode dar espaço inclusive para tentar conceder a capoeira separada de todo o contexto, pois ao mesmo tempo que os entrevistados concebem a capoeira enquanto ancestralidade, de origem africana, ao serem questionados sobre o quesito religioso, todos desconsideram a capoeira ligada a religiões de matriz africana. Como podemos observar:

Tem muita gente que pensa que a capoeira tem relação com o candomblé, mas o mestre sempre passou que não tem nada a ver com essas coisas, eu mesma antes de vim participar ficava meio receosa por conta do que as pessoas falavam, mas quando passei a participar o mestre falou que a capoeira não tem nada a ver com essas coisas. O que eu sei é que a capoeira faz muita coisa boa, mas resumindo capoeira não faz parte do candomblé, capoeira não é macumba não tem nada a ver. Capoeira é uma esporte capoeira é cultura é lazer a capoeira é resgate e na minha opinião ela regatou muitas vidas e quem pensa que capoeira é essas coisas tem que vim conhecer a história da capoeira. (ENTREVISTA COM GUEREIRRA JULHO, 2018).

No entanto não queremos aqui condenar esse fato, pois entendemos que ele é reflexo da imposição religiosa sobretudo do Cristianismo, que sempre se colocou como modelo e tratou as religiões de matriz africana como coisa ruim, coisa do demônio, que faz mal para as pessoas e essas ideias foram absorvidas pela sociedade que até os dias atuais não conseguem conceber a liberdade do povo de religião de matriz africana terem a liberdade de cultuar seus deuses sem serem alvos de ataques.

A capoeira é um espaço propício para se trazer as discussões das questões étnicas raciais, da historicidade pois é essa apropriação que dará subsídios para diálogos de enfrentamento do racismo, da intolerância religiosa (que não precisa necessariamente pertencer a uma religião de matriz africana para defender essa causa), e da construção de uma identidade negra. Percebe-se na fala de Guerreira um certo desconforto para falar da religião (candomblé) e que há um conflito no entendimento da relação da capoeira com as religiões de matriz africana, que é inegável para quem reconhece o legado ancestral da capoeira. Nessa perspectiva acreditamos que o espaço da capoeira é propício a construção da identidade negra, mas para isso mestres, contramestres e professores devem ter pertencimento. Importante considerar a dimensão do conhecimento do processo histórico, das mediações culturais na prática da capoeira e compreender que não se trata apenas do esporte, mas por cultura e identidade negra.

Nesse sentido Silva e Arce (2013) consideram que:

[...] o mestre-educador, mesmo muitas vezes sem dominar a escrita das palavras, mostra-se extremamente hábil com a leitura da vida, sendo este o grande responsável por garantir toda uma referência de educação pautada na oralidade e ancestralidade funcional para cada indivíduo e seu tempo histórico. [...] garantem a resistência cultural e catalisam a educação por meio de suas práticas e seus saberes, que são partilhados, na grande maioria das vezes, por um método que tem se mostrado muito mais eficaz e condizente com a realidade social brasileira. [...] (SILVA, 2013, p. 101).

Cada mestre/educador como se refere Silva (2013), ou cada professor de capoeira irá repassar seus saberes no sentido de dar continuidade a trajetória da capoeira correlacionando também com suas experiências de vida. No entanto devemos considerar que cada um tem formas diferentes de desenvolver as atividades, utilizando para isso formas distintas de didáticas e de diálogos. Considera-se, portanto, fundamental que todos eles e elas, atentem aos princípios da capoeira, observando sempre seus valores, seus rituais, fazendo memória da história para não se perder em seus ideais e colaborando para a afirmação de uma identidade negra positiva, *pois a formação de um capoeirista não se dá apenas com formação acadêmica e/ou sua prática de treinos e roda*, mas está sobretudo na condução de sua vida e experiência enquanto sujeitos da sociedade.

Com a gente não tem esse negócio de só treinar jovem porque tá com as junta mole, não. Treina todo mundo que quiser, criança, menino, homem, **mulher** até a pessoa de mais idade se vier a gente vai saber trabalhar com eles também. Mas nosso trabalho pesado mesmo é com as crianças e os jovens porque a gente vê aí, como está o mundo e os problemas de drogas e violência. Então a gente também foca nisso aí e sabe que já ajudou muito jovem a se livrar desse caminho ou preveniu dele ir pra esse caminho maldito (ENTREVISTA COM BENGUELA, JULHO DE 2018).

Na afirmação de Benguela, Capoeira não tem idade nem padrão . No entanto durante a observação chamou-nos atenção o fato de que embora existam mulheres praticando capoeira no grupo Axé Bahia apenas uma mulher tem um grupo formado do qual ela lidera. E nos questionamos qual o lugar da mulher na capoeira? Percebemos que embora exista mulheres praticantes da capoeira no grupo, o domínio local e global ainda é predominantemente masculino. Essa professora formada desenvolvendo a atividade com um pequeno grupo de mulheres, que inclusive tem uma participação tímida nas rodas.

As histórias das mulheres capoeiristas são deixadas de fora, embora muitas mulheres tenham participado desse processo e tenha dado importantes contribuições para a formação da cultura do povo brasileiro. Na realidade atual, manter viva essas memórias dos grandes feitos das mulheres capoeiristas é uma forma de empoderamento que contribui muito para que outras mulheres, capoeiristas ou não, se sintam representadas por essas figuras que nunca se enquadram na perspectiva de “gênero frágil”.

A roda de capoeira é um espaço de luta, resistência e conquistas femininas, que resignifica os corpos femininos, mostrando a força e o potencial das mulheres, pois embora ainda em menor quantidade em relação aos homens, as mulheres capoeiristas desempenham o importante papel de romper com o pensamento hegemônico de que há um gênero dominante, e mostrando que essas visões preconceituosas fazem parte de construções que vem das construções sociais, históricas e políticas.

Diante dessas questões achamos pertinente dialogar sobre a questão de gênero e como essa professora formada analisa essas questões;

Desde que entrei na capoeira meu sonho sempre foi formar um grupo só de mulheres, não porque mulher não pode treinar junto com homens mas porque eu sempre quis ver uma roda liderada por mulheres, tocando, cantando e jogando... Não vou dizer que não sofri com essas coisas, (machismo) no início mesmo sempre ouvia piadinhas entre os colegas até que você treina sério e conquista seu lugar e o respeito. Hoje não vejo mais isso aqui no grupo, também agente conversa muito pra não acabar afastando ninguém. Dai quando graduei com muita luta formei o grupo de mulheres no entanto elas trabalham, são mães e outras estudam e apresentam dificuldades de treinar certinho. Mas eu sempre digo a elas e a outras mulheres que eu converso, que agente é guerreira e repito a frase que diz que lugar de mulher é onde ela quiser” (ENTREVISTA COM GUERREIRA, JULHO DE 2018).

Para Guerreira, tornar-se capoeira transformou sua vida, a tornou uma mulher forte. Essa constatação vindo de uma mulher, diante de uma sociedade em que as mulheres continuam lutando contra o machismo, racismo e o preconceito, é símbolo de um processo de luta também feminino, luta para ter direito de praticar esporte, luta para ter direito de vestir calças, luta para ter direito de voz e vez, luta para serem mulheres sem ser tratadas como seres inferiores. No entanto no campo da capoeira percebemos que ainda há uma dificuldade para as mulheres se inserir, elas têm que provar que são boas, e elas podem ser, basta querer e se dedicar, pois, com os treinamentos constante há um aperfeiçoamento gradativo, e cada dia você supera as dificuldades, é um aprendizado constante.

Em relação ao reconhecimento e valorização da capoeira no município, Meia Lua, expressa que:

Às vezes bate um certo desanimo, porque a mais de 20 anos agente desenvolve um trabalho voluntario aqui no município de Mutuípe, no entanto muitas vezes as pessoas assistem nossa apresentação e valoriza naquele momento, mas na prática do dia a dia a gente enfrenta muitas dificuldades. Não digo isso pelos pais das famílias das crianças e jovens que a gente trabalha, eles reconhecem nosso valor, mas principalmente referente os prefeitos que passa, que não dão o apoio e incentivo que a capoeira precisa. Mas como já disse a gente não desiste, e procura jeito de ir levando sem deixar a capoeira enfraquecer (ENTREVITA COM MEIA LUA, JULHO DE 2018).

É bonito de se ver uma organização social dando sua colaboração social a partir da transmissão da capoeira que envolve não somente a luta pela luta, mas apresenta diversas possibilidades, em que no grupo trabalham outros aspectos como, solidariedade, equilíbrio, coordenação, respeito, entre outros. Enquanto muitas vezes o estado e municípios deixam de cumprir com o incentivo e a criação de políticas públicas de esporte, cultura e lazer.

Campos (2006, p.87) afirma que:

[...] os verdadeiros mestres, comprometidos em repassar o legado recebido, criam estratégias próprias e, com um dinamismo fora do comum, vencem obstáculos, preconceitos e mantêm as tradições, transmitindo para os alunos um jeito de ser brasileiro, e de viver a realidade a partir dos substratos que a história popular oferece. Campos (2006, p.87)

Quanto ao questionamento sobre o preconceito da capoeira na sociedade, São Bento respondeu que:

Infelizmente ainda há muito preconceito da capoeira, principalmente porque teve um tempo em que a capoeira foi considerada um crime, então assim, esse tempo ainda faz hoje se ter a ideia da capoeira como coisa ligada a quem não tem o que fazer, vadio, até mesmo como luta violenta, e mais um monte de coisas que muita gente julga sem nunca ter ido no espaço de treino para conhecer como é a capoeira. As vezes isso chateia agente, principalmente quando nos convidam para algum evento e a capoeira sempre é a última da lista para se apresentar, isso me chamou atenção algumas vezes, que era uma forma de dizer que a capoeira é inferior. Mas como professor eu sei que meu trabalho tem valor na vida das crianças e adolescentes que eu ensino e isso me dá forças todos os dias para não desistir. (ENTREVISTA COM SÃO BENTO, JULHO DE 2018).

Nesse sentido, entendemos que diante do legado inquestionável que a capoeira nos deixou é nosso papel contribuir para que a mentalidade das pessoas quanto a capoeira possa mudar, ajudando-as a ver o quanto essa prática é positiva. Combatendo e enfrentando qualquer comentário preconceituoso sobre a capoeira. O preconceito pode acabar na medida em que cada brasileiro tiver a oportunidade de conhecer e reconhecer sua origem e nesse sentido para além da demanda de grupos organizados a escola também deve contribuir com esse processo.

Ao ser questionados sobre a importância de ser negro, os entrevistados em sua maioria afirmaram, que tem muita importância.

São Bento, expressou que:

Para mim tem muito significado, quando eu falo ser negro eu já mim lembro do negro que é luta, resistência, identidade. Símbolo de guerreiro, de lutas de labutas, mas é também símbolo de vitórias, e para mim as experiências do dia a dia, as pessoas com quem você convive, os grupos que você participa, vai ajudando você a identificar o negro como positivo e não como ligado a coisas ruins como por

muito tempo fizeram, e assim na verdade, até hoje tentam fazer.  
(ENTREVISTA COM SÃO BENTO, JULHO DE 2018).

Acreditamos que a construção da identidade é um processo cultural, histórico, individual ou coletivo, que se constitui a partir de referenciais positivos ou não. Sabemos que a forma como a identidade negra é representada tem grande impacto na vida dos sujeitos, determinado como esses vão agir e se comportar diante da realidade em que estão inseridos, e nesse sentido se constroem socialmente. Sabemos também que o projeto de inferiorização da população negra, se deu a partir da exaltação de estereótipos negativos que permeou por séculos no imaginário social e nas práticas de discriminação dos negros, através de imagens, frases, discursos, relações.

Quanto à relevância da presente pesquisa, os entrevistados consideram essa pesquisa, “muito importante porque é uma oportunidade de mostrar o trabalho da capoeira e o valor do negro” (Benguela); além de outras falas que expressaram a positividade da presente pesquisa.

Com essa exposição de partes das entrevistas, consideradas como essenciais para análise nessa pesquisa, podemos compreender que dessa mistura denominada de Capoeira, que envolve (dança, luta, jogo, arte, musicalidade, cultura), para além dos benefícios corporais proporcionados pela capoeira, (atividades física, coordenação, atenção, equilíbrio) ela apresenta uma complexidade de possibilidades de práticas educativas, que se dá da interação do grupo, da organização, dos princípios, da dinâmica da roda, do olho no olho. Com isso podemos sim, afirmar que embora haja uma necessidade de intensificar as atividades no sentido de trabalhar a constituição da identidade negra dos integrantes, o grupo de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe tem grande relevância socioeducativa.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar ao longo desse trabalho, que teve por objetivo de compreender como o trabalho desenvolvido pelo grupo de capoeira Axé Bahia de Mutuípe implica para o reconhecimento da identidade negra de seus integrantes, podemos constatar que a trajetória da capoeira passou por vários percalços, até chegar a ser reconhecida como patrimônio cultural imaterial do Brasil em 2008. Reafirmo que o processo de afirmação identitária, é muito importante o conhecimento de sua história, dos seus ancestrais, buscando a revalorização das culturas africanas, pois elas constituem-se em pilar essenciais para a constituição e valorização da identidade negra, pois, só conhecendo a pessoa negra será capaz de desconstruir representações negativas que alienam e as fazem negar seu próprio corpo e suas raízes étnico-raciais.

Como pesquisadora e capoeirista desenvolver essa pesquisa foi muito desafiante por fazer parte desse universo, mas ao mesmo tempo representa uma alegria muito grande, pois esse trabalho pode apontar caminhos e reflexões para posteriormente estarem contribuindo para o crescimento do grupo.

Através dessa pesquisa afirmamos que a capoeira se constitui sim como espaço de educação não formal pois a mesma tem diversas características e valores que oferecem um leque possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem de seus praticantes, além de que o trabalho desenvolvido com a capoeira é de aproximação não somente com os praticantes, mas também com suas famílias. Além de ser uma rica ferramenta para a afirmação da identidade negra, a partir de seu processo histórico e cultural.

O espaço educativo não formal da capoeira é também uma importante mediação cultural para os sujeitos, considerando que a capoeira se constitui enquanto espaço acolhedor, de diferentes idades, etnias, nível de escolaridade, “gênero”.

Apesar da capoeira ter conquistado reconhecimento enquanto manifestação afro-brasileira de grande importância, ainda predomina muito preconceito e estereótipos em relação a capoeira e seus praticantes, apresentando um grande desafio para os Capoeiras, os grupos, as instituições de ensino e para a sociedade em geral, considerando que o preconceito para com a capoeira está estritamente ligado ao racismo e esse é um problema não só das pessoas negras, mas de toda nação.

Da mesma forma que a capoeira apresenta uma série de possibilidades educativas, ela também revela algumas contradições presentes nesse universo, entre eles destacamos um

histórico de prática associada a figura masculina, colocando as mulheres no lugar inferior ou muitas vezes vista como subversiva por contrariar as regras socialmente estabelecidas. A presença da mulher na capoeira é um modo de reivindicar o direito de existir e está em qualquer espaço.

Na atualidade, através dos meios de comunicação virtuais, percebe-se que tem ocorrido uma intensificação da intolerância religiosa, e com isso a capoeira é diretamente atingida, pois muitas pessoas não reconhecem que muitos aspectos dessa prática estão ligados as religiões de matriz africana, desconsiderando uma gama de influências ancestrais, sobretudo nos aspectos culturais. E infelizmente temos acompanhado alguns grupos religiosos querendo se apropriar da capoeira e de outros elementos da cultura negra, descaracterizando sua historicidade. Nesse sentido consideramos que a capoeira quando praticada com status de esporte, mercadoria ou apenas prática da cultura corporal, desatrelado da sua historicidade, corre-se o risco de fugir dos seus valores, dando espaço para valores dominantes, de competição, autoritarismo e sobretudo reforçando o machismo.

Com tudo isso, dizer da importância do trabalho desenvolvido na Associação de Capoeira Axé Bahia de Mutuípe, que há mais de 20 anos tem desenvolvido um trabalho voluntário em comunidades rurais e urbanas, esse grupo tem contribuído de forma relevante para afastar crianças e jovens do mundo das drogas, entre outros benefícios, no entanto sentimos que o grupo necessita trabalhar de forma mais intensificada o aspecto histórico da capoeira. Bem como desenvolver momentos de discussão e reflexão que auxiliem no processo de afirmação da identidade negra.

No desenvolvimento da pesquisa, algumas questões surgiram, no entanto como a pesquisa em questão apresentava seus limites, desejo que futuramente possa retorna-la para aprofundar questões como: a participação da mulher na capoeira, como a capoeira tem sido trabalhada através da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08 que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas; como a academia tem dialogado com o saber da capoeira; entre outras.

Nesse cenário de luta e resistência, de preservação e valorização da cultura negra temos a capoeira, uma dança/luta com um legado ancestral, que embora em algum momento da história tenha sido marginalizada e considerada crime, resisti e resisti. A capoeira através de suas práticas e rituais que foram historicamente produzidos e repassados de geração para geração, carrega consigo uma intencionalidade, uma prática cultural que tem o objetivo de perpetuação dos valores e costumes, estes são apreendidos através da relação que é estabelecida dentro do grupo e por fim construída uma identidade negra.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, F. J. **Capoeiras – Bahia, século XIX: imaginário e documentação**. Salvador: Vogal, 2005.
- ADORNO, Camille. **A arte da Capoeira**. 6.ed. rev. e atual. Goiânia: Gráfica e Ed Keleps, 1999.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.
- AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. Brasília: Brasiliense, 1983.
- BARRETO, Dionne Guimarães. Pesquisa Biográfica: Valorização das Histórias de Vida na Formação Docente. In: ROCHA, Nívea Maria Fraga; LEAL, Raimundo, Santos; BOAVENTURA, Edvaldo Machado. **Metodologias Qualitativas de Pesquisas**. Salvador: Fast Design, 2008.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011.
- BOGDAN; Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional**. Lei n. 9394, de 20 de dez. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. **Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 26 fev. 2018
- BERSANI, Humberto. **Racismo estrutural e o direito a educação**. Artigo. Rv.edu. perspec. Viçosa, MG. V8.
- CAMPOS, Eleni Fernandes Gonçalves. **A prática da capoeira em âmbito escolar**. 2013. Monografia (Especialização em Coordenação Pedagógica). Universidade de Brasília. Brasília: UNB, 2013.
- CAMPOS, Hélio. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- CARNEIRO, Igor. MESTRE PASTINHA. 2012. Disponível em: <<http://www.senzala.org.br/historia/bibliografia/11-mestre-pastinha.html>>. Acesso em: 05 jan. 2012.
- REIS, Maria Liana; **Africanos no Brasil: saberes trazidos e ressignificações culturais**. Cadernos de história, Belo Horizonte, V, 8.N.10p 11-23, 2º sem, 2006.
- CORDEIRO, Albert Alan de Sousa; CARVALHO, Nazaré Cristina. Capoeira, do crime a legislação: uma história de residência da cultura popular. **Revista trabalho da história**, Três Lagoas, v.2, n.4, jan.-jun. 2013, p. 68-80.
- COSTA, Marisa V. Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, M.V. (Org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p. 13-36.
- DENZIN, N. **The Research Act**. New York, McGraw Hill, 1978.

- DOMINGUES, P. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latino americanos**, Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal Universidad Autónoma del Estado de México, n. 010, 2005.
- FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente em construção**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Rev. Inst. Estud. Bras.** [online]. n.63, p.103-120, 2016.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FRASER, Márcia Tourinho Dantas, GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 2004, v.14, n.28, 139 -152.
- FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectiva de final de século. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativo do terceiro setor. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e diversidade cultural**: refletindo sobre as diferentes presenças na escola. 2008. Disponível em: < <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/educaÇÃo-e-diversidade-cultural1.pdf>>. Acesso em fev. 2019.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e Identidade Negra**. 2002. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/poslit>>. Acesso em: fev. 2019.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p.
- GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossas escolas. São Paulo: Summus, 2001.
- GOMES, Nilma Lino. Escola e diversidade étnico-cultural: um diálogo possível. In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1996. p. 25-35.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: EdUFMG; Brasília: Representações UNESCO no Brasil, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, n. 24, 1996.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2, Porto Alegre, jul/dez 1997, p.15-46.
- HALL, Stuart. “*Minimal Selves*”, in **Identity: The RealMe**. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Reincidência criminal no Brasil**. Relatório final de atividades da pesquisa sobre reincidência criminal, conforme acordo de cooperação técnica entre conselho nacional de justiça (CNJ) e o IPEIA (001/2012) e respectivo plano de trabalho. Rio de Janeiro 2015p 121.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.
- MARINHO, Inezil Penna. Subsídios para a história da capoeiragem no Brasil. Rio de Janeiro: Tupy, 1956.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 23.ed. Petrópolis vozes 1994.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo, Conhecimento e Cultura. In: BRASIL. **Indagações sobre Currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, Identidade, Etnicidade e Cidadania**. 27 de setembro de 2012. Disponível em: <[www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-KabengeleDIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf](http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-KabengeleDIVERSIDADEEtnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf)>. Acesso em fev. 2019.
- MUNANGA, Kabengele, Nilma Lino Gomes. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação e Diversidade, 2005.
- MUNANGA, Kabengele. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. **REVISTA USP**, São Paulo, n.68, p.46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006.
- MUNANGA, Kabengele. Ação Afirmativa em benefício da população negra. **Universidade e Sociedade**. Revista do Sindicato ANDES Nacional, n. 29, março de 2003. p.46-52.
- MUNANGA, Kabengele. Apresentação. In: BRASIL. **Superando o Racismo na Escola**. 2.ed. Brasília: Ministério da Educação, 2001. p. 7-12.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 1994

NOGUEIRA, João Carlos. **A Construção dos conceitos de Raça, Racismo e a Discriminação Racial nas relações sociais do livro Multiculturalismo e a pedagogia multirracial e popular**. Série Pensamento Negro em Educação. v. 8. Editora Atilênde (Núcleo de Estudo Negro): Florianópolis (SC), 2002.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de; LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Capoeira Identidade e Gênero: ensaios sobre a história social da Capoeira no Brasil**. Salvador: Editora EDUFBA, 2009.

PEREIRA, José Maria Nunes. Colonialismo, Racismo, Descolonização. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, n.2, maio/agosto, 1978.

PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. **REVISTA USP**, São Paulo, p. 52-65, junho/agosto 2000.

REGO, Waldeloir. **Capoeira angola: ensaio sócio etnográfico**. Salvador: Itapuã, 1968.

RICHARDSON, Robert Jany. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTOS, Luiz Silva. **Educação, Educação Física, capoeira**. Maringá: Imprensa Universitária, 1990.

SANTOS, Verônica de Holanda; FILHO, Vicente Deodato de Luna. **A capoeira como instrumento de inclusão social nas aulas de educação física na educação básica**. V CONEDU (Congresso Nacional de Educação). 2018. Disponível em: <[www.editorarealize.com.br/.../TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA9\\_ID140\\_2410201814...](http://www.editorarealize.com.br/.../TRABALHO_EV117_MD1_SA9_ID140_2410201814...)>. Acesso em: fev. 2019.

SCHROEDER, Anastásia; VIEIRA, J. Rita Lopes; SILVA, M. Cecília de Paula. Corpo, cultura e Paulo Freire: a capoeira como possibilidade de uma educação na perspectiva da emancipação humana. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 538-555, maio/ago. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v42i2.44066>>.

SILVA, Gabriela Tunes da. Sobre possibilidades de exercício da ética inter-humana no jogo da capoeira. **Revista virtual de gestão de iniciativas sociais**, n.10, p.9-20. UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 2007.

SILVA, J. C.; ARCE, A. O impacto das concepções de desenvolvimento infantil nas práticas pedagógicas em sala de aula para crianças menores de três anos. **Perspectiva**, 30 (3), 1099-1123, 2013.

SILVA, Jean Adriano Barros da. **A importância da capoeira no desenvolvimento da cultura corporal na educação infantil**. 2003. Monografia. Universidade do Estado da Bahia. Salvador: UNEB, 2003.

SILVA, Jean Adriano. **A capoeira na formação da pessoa com deficiência visual: dificuldades e perspectivas presentes na ação pedagógica**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador: UFBA, 2008.

SILVA, Layla Maryzandra Costa; RIBEIRO, Daniela Maroja. 2015. **A resignificação de uma pedagogia: construção da identidade da criança negra na educação infantil**. Disponível em: <[www.unesp.br/Home/debateacademico/artigo\\_revisado\\_layla\\_maryzandra-1.pdf](http://www.unesp.br/Home/debateacademico/artigo_revisado_layla_maryzandra-1.pdf)>. Acesso em fev. 2019.

- SILVA, Sonaly Torres da. **Capoeira: movimento e malícia em jogos de poder e resistência**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte: PUC, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, T. G. da. **Feminismo e liberdade: seu sujeito total e tardio na América Latina**. 166 p. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. João Pessoa: UFPB, 2004.
- SOUZA, Eliane Glória Reis da Silva. **Capoeira: sua História e as Relações de Gênero**. 2010. Disponível em: <  
[http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1273245402\\_ARQUIVO\\_Simposio\\_Doc.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1273245402_ARQUIVO_Simposio_Doc.pdf)>. Acesso em: fev. 2019.
- UNESCO. **Declaração sobre Raça e Preconceito Racial**. 27 de nov. 1978. Disponível em: <  
[www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Igualdade\\_Racial/1978DeclRaca.pdf](http://www.direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Igualdade_Racial/1978DeclRaca.pdf)>. Acesso em fev.2019.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, Culturas e Educação. **Revista brasileira de educação**, n.23, 2003, p.5-15.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**APÊNDICES**

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO****UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CAMPUS AMARGOSA**

**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA:** Você está sendo convidado/a à participar da pesquisa **“A CAPOEIRA COMO ESPAÇO DE AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA: UM OLHAR SOBRE A ASSOCIAÇÃO DE CAPOEIRA AXÉ BAHIA DE MUTUIPE”**. Atestamos que as informações/dados produzidos no presente questionário serão utilizados para fins acadêmicos/científicos e a identidade dos sujeitos da pesquisa não será divulgada. Desde já agradecemos.

Caso deseje, favor informar um nome fictício (imaginário) que possa ser utilizado na pesquisa? Qualquer nome que tenha alguma representação para você? Alguém que admire (uma pessoa que considera importante)?

---

1) **SEXO:** MASCULINO  FEMININO

2) **ANO DE NASCIMENTO:** \_\_\_\_\_

3) **VOCÊ SE CONSIDERA (autodeclara) :**

AMARELA/O

BRANCO/A

INDÍGENA

NEGRO/A

PARDO/A

OUTROS/AS

Se a resposta for “outros/as” definir a cor de pele: \_\_\_\_\_

4) VOCÊ RESIDE? ZONA RURAL  ZONA URBANA

CIDADE: \_\_\_\_\_

BAIRRO/ COMUNIDADE: \_\_\_\_\_

5) QUAL A SUA FORMAÇÃO ESCOLAR?

OBS: PARA A QUESTÃO “5” USE UMA DAS LETRAS ABAIXO:

(A) ANALFABETO / ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO

(B) ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO / ENSINO MÉDIO INCOMPLETO

(C) ENSINO MÉDIO COMPLETO

(D) SUPERIOR INCOMPLETO

(E) SUPERIOR COMPLETO (GRADUADO)

(F) PÓS-GRADUAÇÃO

6) QUAL É A SUA OCUPAÇÃO PROFISSIONAL? EM QUE TRABALHA? OU ESTÁ DESEMPREGADO? SE APOSENTADO, EM QUE TRABALHAVA?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7) QUANTO TEMPO VOCÊ PRÁTICA CAPOEIRA? (É MESTRE? QUAL A GRADUAÇÃO?)

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

8) QUAL O MOTIVO (OU MOTIVOS) QUE LEVARAM VOCÊ A PRATICAR CAPOEIRA?



Agradecemos às contribuições.

## APÊNDICE B - ROTEIRO ENTREVISTA



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Este trabalho é requisito parcial de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que tem como título ***A capoeira como espaço de afirmação da identidade negra: um olhar sobre a associação de capoeira Axé Bahia de Mutuípe***. O objetivo do estudo é compreender como o trabalho desenvolvido no grupo de capoeira Axé Bahia de Mutuípe (ACABM) contribui para reconhecimento da identidade negra e afirmação de seus integrantes.

**Pesquisadora: Vanusa Sousa dos santos**

**Orientador: Professor Carlos Adriano da Silva Oliveira**

**Solicitar permissão para gravar e transcrever a entrevista.**

**Apresentar Termo Livre Consentimento**

(coletar assinatura / fornecer cópia do termo ao entrevistado).

**Garantir o sigilo do entrevistado (dados utilizados para fins acadêmicos)**

## ROTEIRO DE ENTREVISTA

- Caso deseje, favor informar um nome fictício (imaginário) que possa ser utilizado na pesquisa? Qualquer nome que tenha alguma representação para você? Alguém que admire (uma pessoa que considera importante)?
- Há quanto tempo pratica a capoeira? Comente.
- O que levou você a praticar a capoeira? Comente.
- Fale um pouco sobre como é o processo de permanência na capoeira?
- Você sabe qual origem da capoeira? (Como ela surgiu?) Comente.
- O que levou você escolher a capoeira? Comente.
- Você fez ou faz parte de alguma instituição religiosa? (Qual)
- Defina a capoeira para você? Comente.
- Qual a importância do grupo *capoeira Axé Bahia de Mutuípe* para Você? Comente.
- No meu projeto de pesquisa discuto afirmação da identidade negra. O que isso significa para você? Tem algum significado ser negro? Comente.
- Em suas atividades com os integrantes do grupo de *capoeira Axé Bahia de Mutuípe*, em algum momento você percebe a inclusão de elementos da cultura negra? Comente
- A capoeira contribui para o reconhecimento da sua identidade? Comente.
- Em sua opinião, participar do grupo de *capoeira Axé Bahia de Mutuípe* contribui para o reconhecimento da identidade negra de seus integrantes e para sua? Comente.
- Em sua opinião, qual o papel do grupo de *capoeira Axé Bahia de Mutuípe* para a sociedade (povo) Mutuípense? Comente.

- Mais alguma questão que queira comentar sobre as perguntas? Algo que deseja complementar?

Agradecemos às contribuições.

**Encerra gravação...**